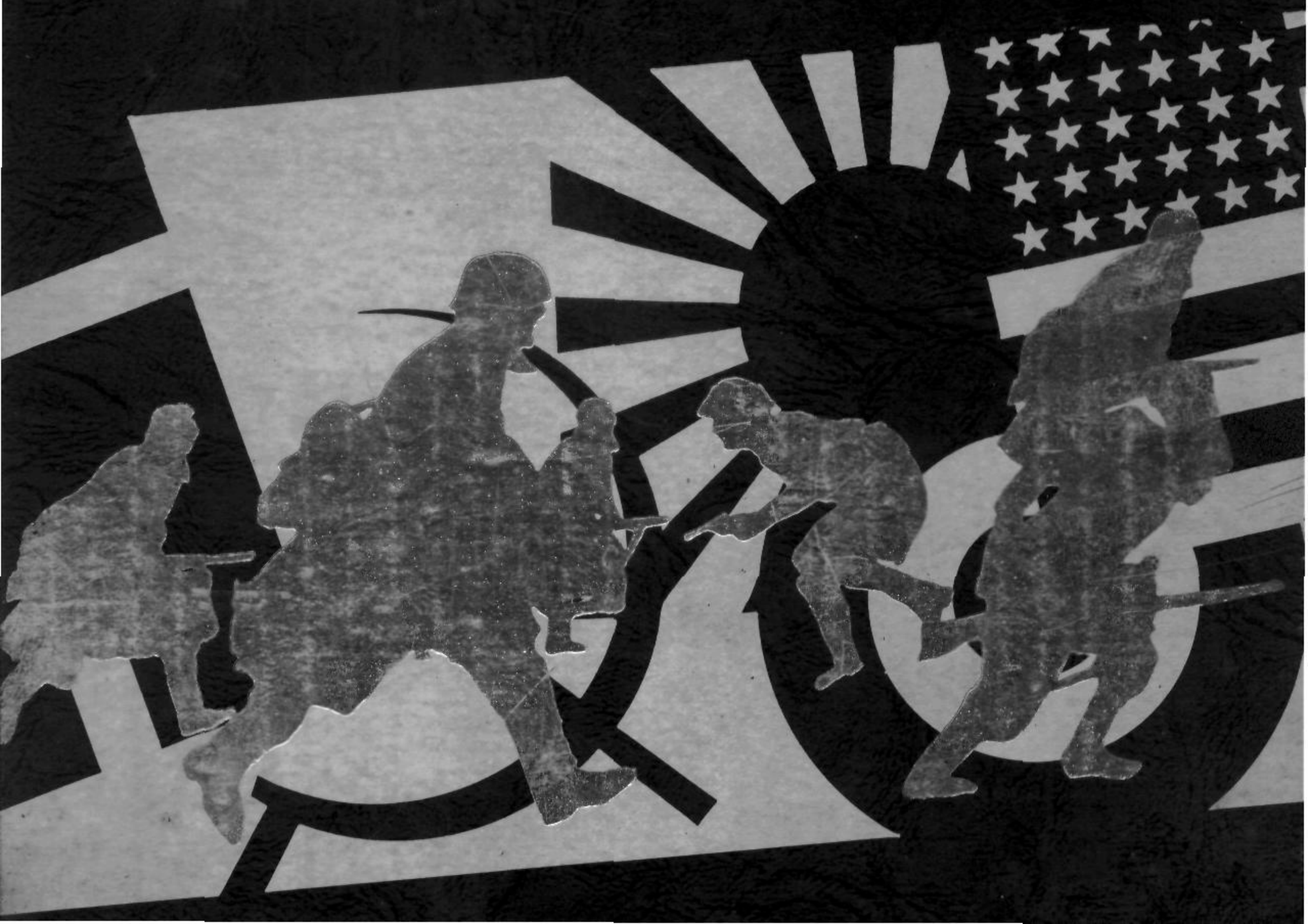
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

História fotográfica do grande conflito

Charles Herridge







Edição Integral
Título do original: "Pictorial history of Word War II"
Copyright The Hamlyn Publishing Group Limited
Tradução de Manuel Paulo Ferreira
Acréscimo do capítulo "Brasil na guerra": pesquisa
e texto final de Francisco José M. Couto

Preço desta coleção
10 pagamentos de Cr$ 480,00
ou à vista com 20% de desconto.

EDITORA RIDEEL LTDA.
Alameda Afonso Schmidt, 877
Fones: 298-1029 / 7690
CEP - 02450 – Santa Terezinha
São Paulo - SP

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Volume 1



SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Charles Herridge

História fotográfica do grande conflito

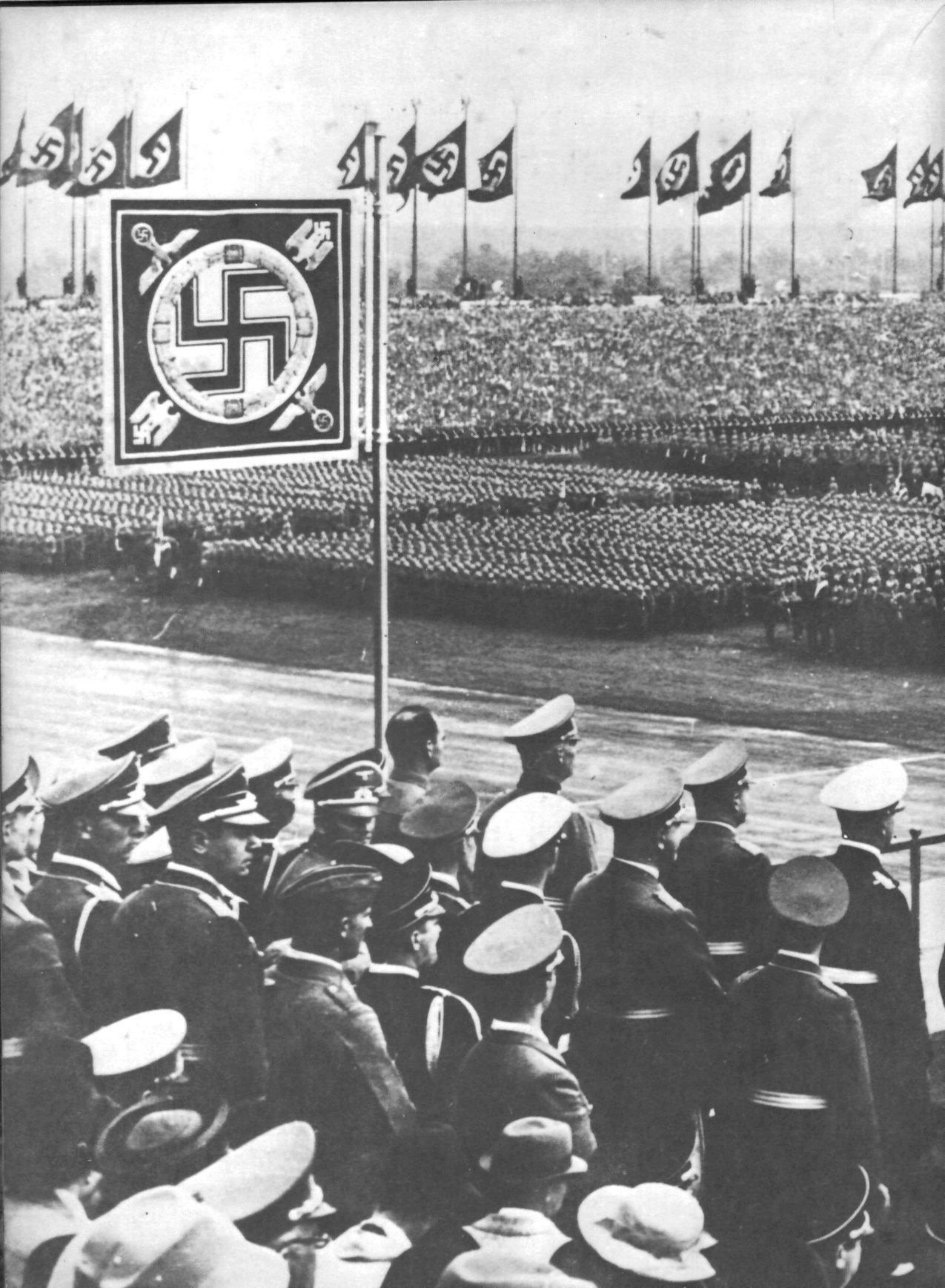




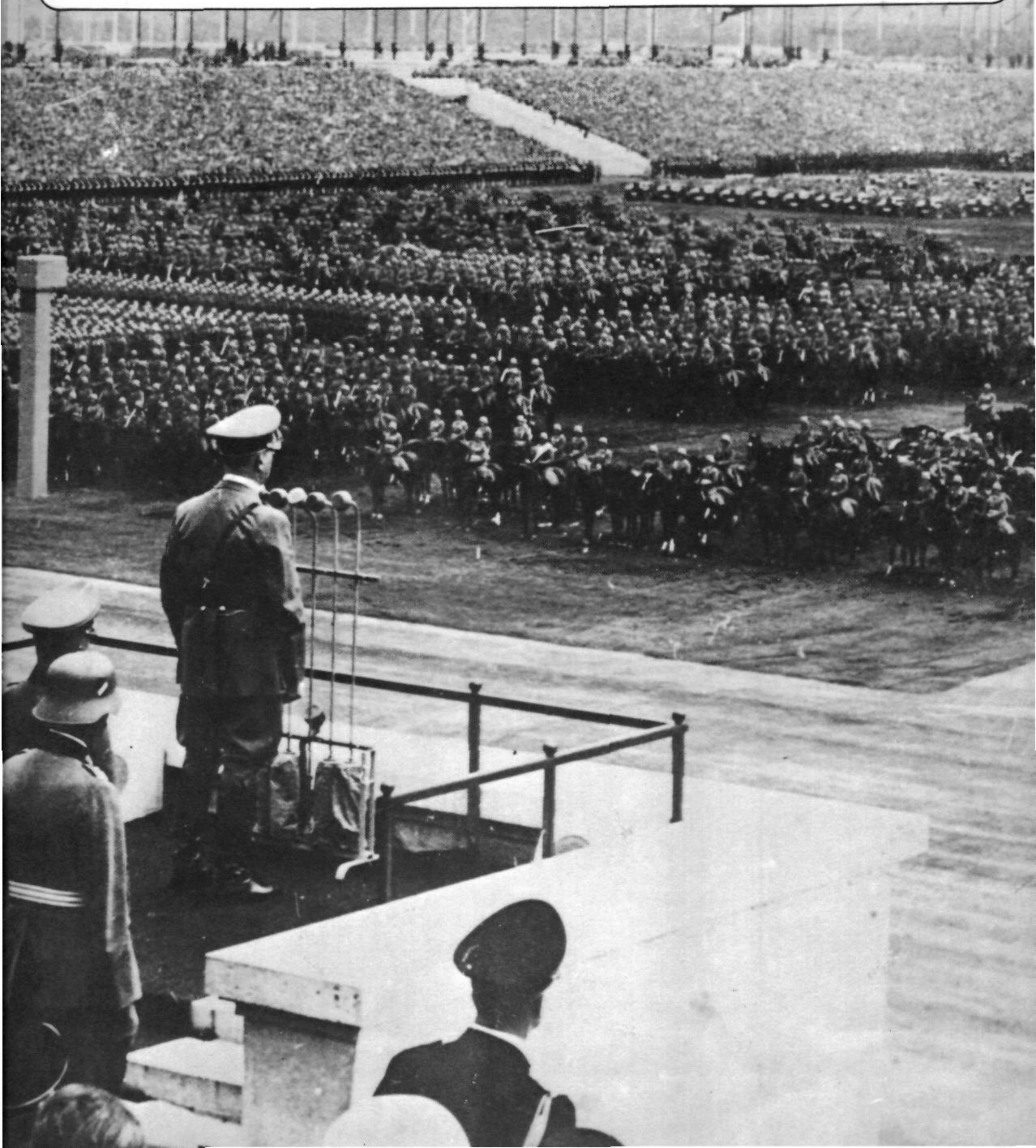
EDITORA RIDEEL LTDA.
Alameda Afonso Schmidt, 877
Fones: 298-1029 / 7690
CEP - 02450 – Santa Terezinha
São Paulo - SP



Índice



Prelúdio da guerra



A assinatura dos tratados de paz no final da Primeira Guerra Mundial deixou a Alemanha humilhada e despojada de suas possessões. Perdeu seus territórios ultramarinos e, na Europa, a Alsácia-Lorena e a Prússia Oriental. Os exércitos aliados ocuparam a região do Reno, limitaram rigorosamente o tamanho do Exército e da Marinha alemães, e o país foi obrigado a pagar indenizações pela Primeira Guerra que logo provocaram o colapso de sua moeda e causaram desemprego em massa.

Assim, foi numa Alemanha envenenada pelo descontentamento que Adolf Hitler ergueu a voz pela primeira vez. Apelando para a convicção do povo alemão de que tinham sido brutalmente oprimidos pelos vencedores da guerra, logo conseguiu uma larga audiência. Falava da grandeza nacional e da superioridade racial nórdica, denunciava judeus e comunistas como aqueles que haviam apunhalado a Alemanha pelas costas e levado o país à derrota, e por meio de um programa intensivo de propaganda criou o Partido Nacional-Socialista, que em 1932 tinha 230 lugares no Parlamento alemão e cerca de 13 milhões de adeptos. Depois da morte do Presidente Hindenburg, em 1934, o poder de Hitler tornou-se absoluto. No verão de

◄◄
Comício de Nurembergue, 1938. Hitler se dirige às tropas reunidas contra o cenário imponente criado pelo seu arquiteto pessoal, Albert Speer.



◄
Desfile da infantaria americana através de Trier no fim da Primeira Guerra Mundial, evidenciando a ocupação da Alemanha pelas potências vitoriosas.

▼
Um carro blindado francês rodando ruidosamente pelas ruas de Essen ocupada, em 1918.

►
Um oficial alemão reduzido à mendicância nas ruas, depois da Primeira Guerra Mundial. Essa foto simboliza o espírito deprimido da Alemanha de após-guerra.

►▼
Alemães desempregados na Berlim de após-guerra. Os primeiros discursos de Hitler capitalizaram a penúria e o orgulho ferido de seus compatriotas.



▶
A ocupação francesa do Ruhr, em 1923, gerou, sem que haja nada de surpreendente nisso, um enorme rancor entre os alemães. Aqui um soldado francês ameaça um civil de idade avançada.

▼
Um Hitler sorridente tira o chapéu cumprimentando admiradores ao sair de uma remota reunião do Partido Nazista numa cervejaria de Munique, em 1925.





◄
Um flagrante, embora um tanto posado, de Hitler com admiradores no jardim de uma cervejaria. Durante toda a carreira, ele teve sempre uma profunda consciência da importância de apresentar uma boa imagem à câmara.

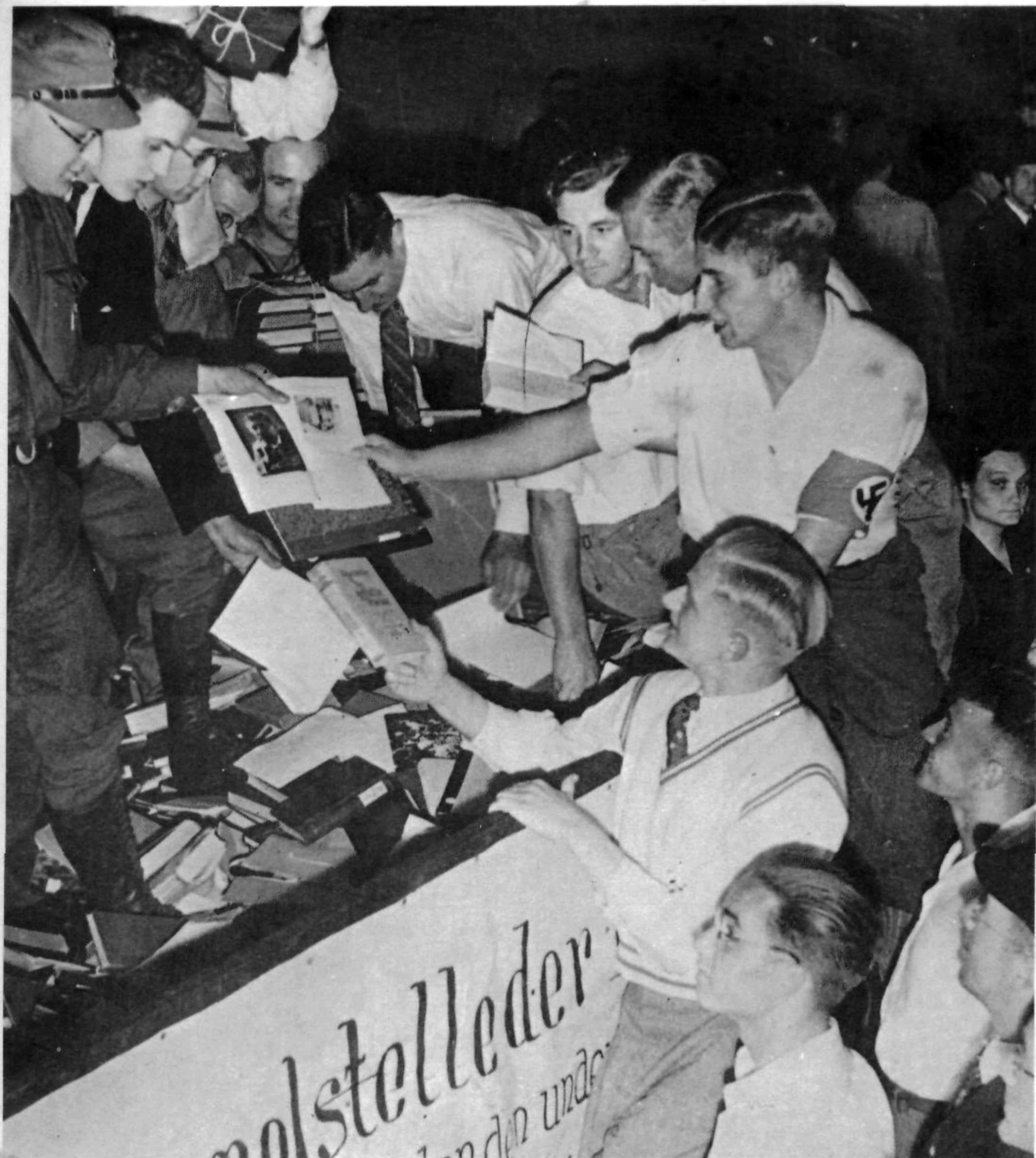
▼
Uma cédula de 100 trilhões de marcos, emitida em resposta à catastrófica inflação que surpreendeu a Alemanha em 1923. As punitivas reivindicações dos Aliados por pagamentos de indenização ajudaram a criar essa situação.

▼▼
Ernst Röhm (centro), cabeça das SA, com chefes de grupo. Röhm organizou as SA, o primeiro exército privado nazista, em 1921, que logo se transformou num formidável instrumento de terror político.









◄▲
Tropas de choque das SA forçando o boicote de um dia aos estabelecimentos comerciais de propriedade de judeus, em 1.º de abril de 1933. Esse tipo de anti-semitismo foi o precursor de um programa de atrocidades sem paralelo.

◄
O Presidente Hindenburg, com o Chanceler do Reich Adolf Hitler à sua direita e Hermann Goering à sua esquerda, assiste a um desfile comemorativo da Batalha de Tannenberg. Dentro de pouco tempo Hitler tomaria o poder absoluto.

▲
Membros da sociedade nazista estudantil, a Studentschaft, apoderaram-se impetuosamente de uma remessa de livros "não-germânicos" da biblioteca de uma universidade. Em dez dias, em maio de 1933, não menos de 500 toneladas de livros foram queimadas apenas em Berlim.





1934 eliminou implacavelmente os rivais e, desprezando a regra de lei, estabeleceu um regime totalitário.

Em seguida deu início a um programa maior de rearmamento, em contravenção ao Tratado de Versalhes, mas sem ser impedido pelos demais signatários, e no começo de 1936 já estava confiante o bastante para enviar tropas alemãs para reocupar a região do Reno. Mais uma vez os Aliados não fizeram nenhuma tentativa de detê-lo, e a operação foi bem sucedida. Mais tarde, no mesmo ano, ele e seu aliado italiano fascista Benito Mussolini enviaram auxílio a Franco na Guerra Civil Espanhola e assinaram um pacto unindo-os no Eixo Berlim-Roma.

A preocupação primária de Hitler durante esse período foi com a necessidade alemã de *Lebensraum*, ou seja, espaço vital. Se o país devia passar

◄
Da esquerda para a direita, os chefes nazistas Rudolf Hess, Hermann Goering, Julius Streicher e o chefe de propaganda Josef Goebbels, talvez o homem mais útil para conseguir apoio popular para Hitler.

◄▼
Abissínios na luta sem esperanças contra os italianos invasores de Mussolini, em 1933.

▲
Mussolini à frente dos bersaglieri *italianos na sua característica marcha a trote. Seus exércitos não estavam preparados para a guerra prestes a irromper.*

►
Membros da Brigada Internacional, composta de voluntários de toda a Europa, que lutou do lado republicano na Guerra Civil Espanhola. Essa guerra deu a Hitler e a Mussolini uma oportunidade ideal para testar suas novas armas.



de nação de segunda categoria para primeira potência mundial, necessitava de espaço para se expandir, e se precisava comportar uma população em rápido crescimento e exigindo prosperidade, necessitava de terras para cultivo e matérias-primas para energia e indústria.

Começou olhando na direção da Áustria, que já possuía um forte movimento nazista, mas cujo chanceler estava ansioso por conservá-la como nação independente. Os exércitos de Hitler avançaram assim mesmo e, em 1938, entraram em Viena, sem encontrar oposição. Hitler tivera êxito pela combinação de uma diplomacia de força e um hábil desenvolvimento de sua máquina de propaganda.

A Tchecoslováquia seria a próxima vítima. A região fronteiriça, conhecida como Sudetos, tinha uma população alemã que se sentia excessivamente discriminada tanto pelos tchecos quanto pelos eslovacos. A região era rica em recursos minerais, tinha um grande exército, e ostentava fábricas de equipamento bélico Skoda. Incitando o descontentamento da população germânica, Hitler foi capaz de fomentar a agitação na Tchecoslováquia, que levou a um confronto armado na fronteira. Nessa altura o primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, representando os defensores da Tchecoslováquia — Grã-Bretanha, França e Rússia —, foi à Alemanha tentar acalmar Hitler. O resultado de uma série de reuniões foi que, a menos que os Sudetos fossem anexados à Alemanha, Hitler começaria uma





▲
A cavalaria alemã movendo-se na região do Reno em março de 1936. A reocupação dessa área desmilitarizada empreendida por Hitler foi um risco calculado, o que ele admitiu francamente mais tarde.

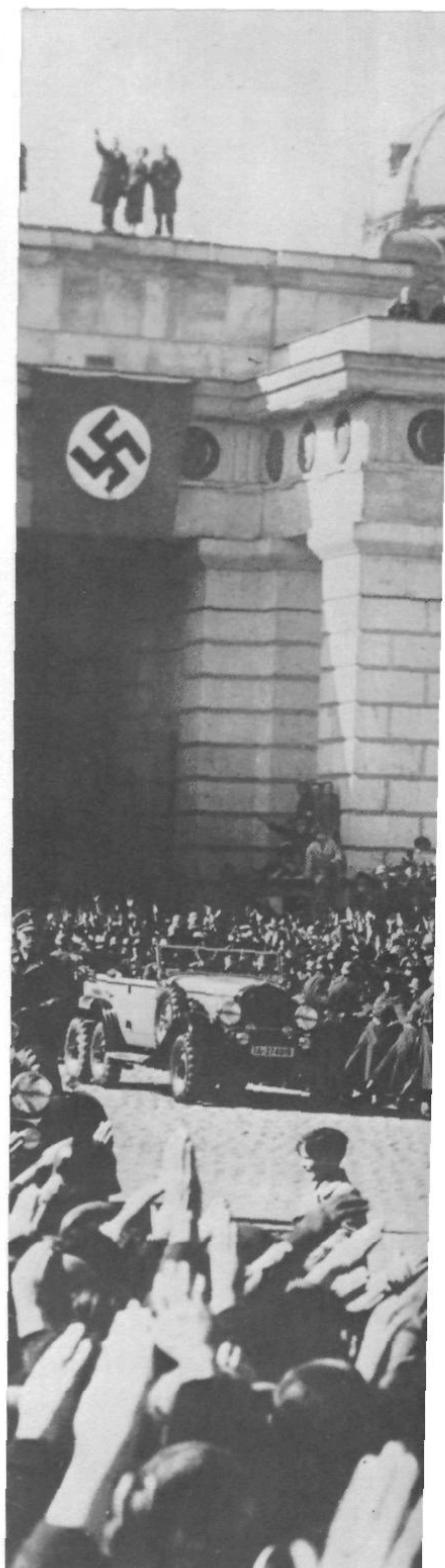
◄
A ocupação da região do Reno: um regimento de artilharia alemão recebe a aclamação da população de Freiburg.

►
Em março de 1938, Hitler anexou a Áustria. Aqui austríacos acenando com suásticas dão as boas-vindas às tropas alemãs em Salzburgo.


COIFFEUR
FEICHTINGER







▲▲
O anti-semitismo estava muito difundido na Áustria: na foto uma multidão sorrindo ironicamente observa judeus forçados a lavar as ruas.

▲
Tropas alemãs entrando em Praga. Hitler quebrou a promessa de ocupar somente a região limítrofe dos Sudetos, e anexou a Tchecoslováquia inteira.

▶
Hitler recebe as saudações de nazistas austríacos, desfilando por Viena. A existência de um forte movimento nazista na Áustria desempenhou um papel importante no plano de anexação de Hitler.


WH-32290



◄
Winston Churchill, cujas advertências no Parlamento britânico sobre as intenções reais de Hitler passaram largamente despercebidas, descendo de um avião da RAF do 615.º Esquadrão.

▲
À esquerda, Neville Chamberlain, que adotou inutilmente a política de apaziguamento com Hitler até ser tarde demais. Aparece aqui com Mussolini, Lorde Halifax e o Conde Ciano, no Teatro da Ópera de Roma.



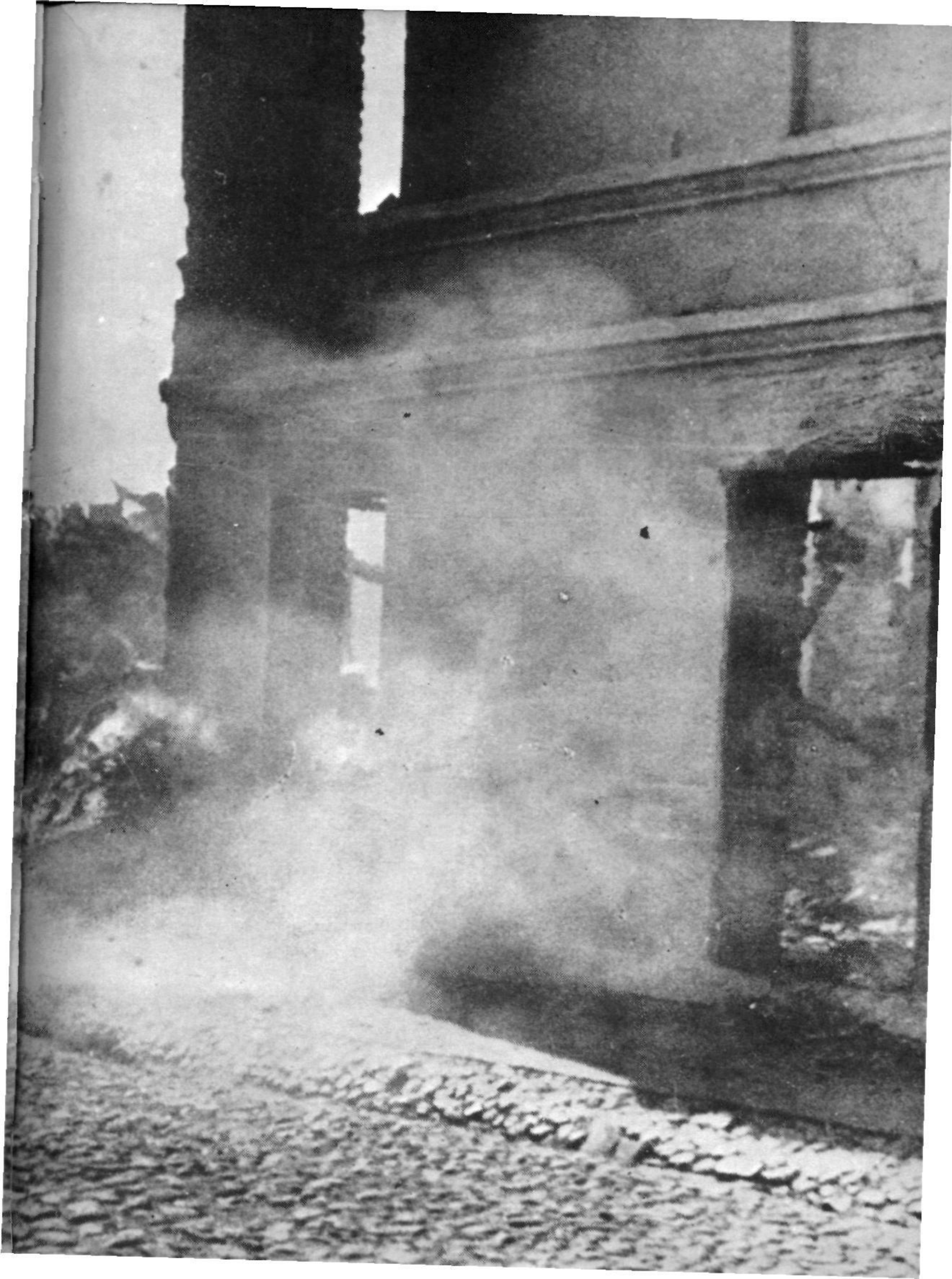
►
O movimento que finalmente provocou uma reação armada da Inglaterra e seus aliados: a invasão da Polônia. Infantes alemães quebram uma barreira de fronteira para abrir caminho para suas colunas blindadas.

guerra; mas se suas reivindicações territoriais na Tchecoslováquia fossem atendidas, não faria reivindicações posteriores no resto da Europa. A França e a Grã-Bretanha concordaram — apesar de suas promessas de proteger a Tchecoslováquia —, e Hitler, quebrando também a sua promessa, mais tarde invadiu a Tchecoslováquia inteira. Considerou que a Grã-Bretanha não estaria preparada para lutar por aquele país, e que a França não ia querer lutar sozinha — e estava certo; mas na vez seguinte, quando invadiu a Polônia, elas declararam guerra.

Como a história provaria mais tarde, a declaração veio com excesso de atraso. As vacilações das potências ocidentais haviam permitido que Hitler alcançasse uma força armada e uma posição na Europa, cujo desalojamento levaria seis anos de carnificina.

Começa a luta





◀◀
Um soldado alemão avalia a destruição deixada no rastro do avanço da Wehrmacht na Polônia.

Nas circunstâncias, as exigências de Hitler na Polônia até que foram modestas: tudo o que reclamava, dizia, era a devolução do porto alemão de Dantzig e livre acesso a ele e à Prússia Oriental através da Polônia, o Corredor Polonês. A Polônia não estava inclinada a ceder, e vendo que a Grã-Bretanha reagira violentamente à ocupação da Tchecoslováquia, Hitler não fez muita pressão no início. Afinal de contas, a Inglaterra havia duplicado seu efetivo bélico e dera à Polônia uma garantia absoluta de proteção. Mas percebeu que a garantia não valia nada sem o apoio russo de leste e, percebendo que os ingleses iam se apressar a solicitar esse apoio, tratou de trazer a Rússia para o seu lado. Os russos tinham sido evitados pelos ingleses quando ofereceram, anteriormente, uma aliança, e não estavam relutantes, depois de superada a desconfiança inicial, em fazer um acordo com Hitler, particularmente quando este lhes prometia uma oportunidade de recuperar o território polonês que haviam perdido em 18.

Assinado o pacto Molotov-Ribbentrop, o caminho de Hitler estava livre, e em 1.º de setembro de 1939 forças alemãs cruzavam a fronteira polonesa.



▶
O ministro alemão das Relações Exteriores Von Ribbentrop e Iossif Stálin, sorridentes após a assinatura do Pacto Nazi-Soviético, em Moscou, em 1939.

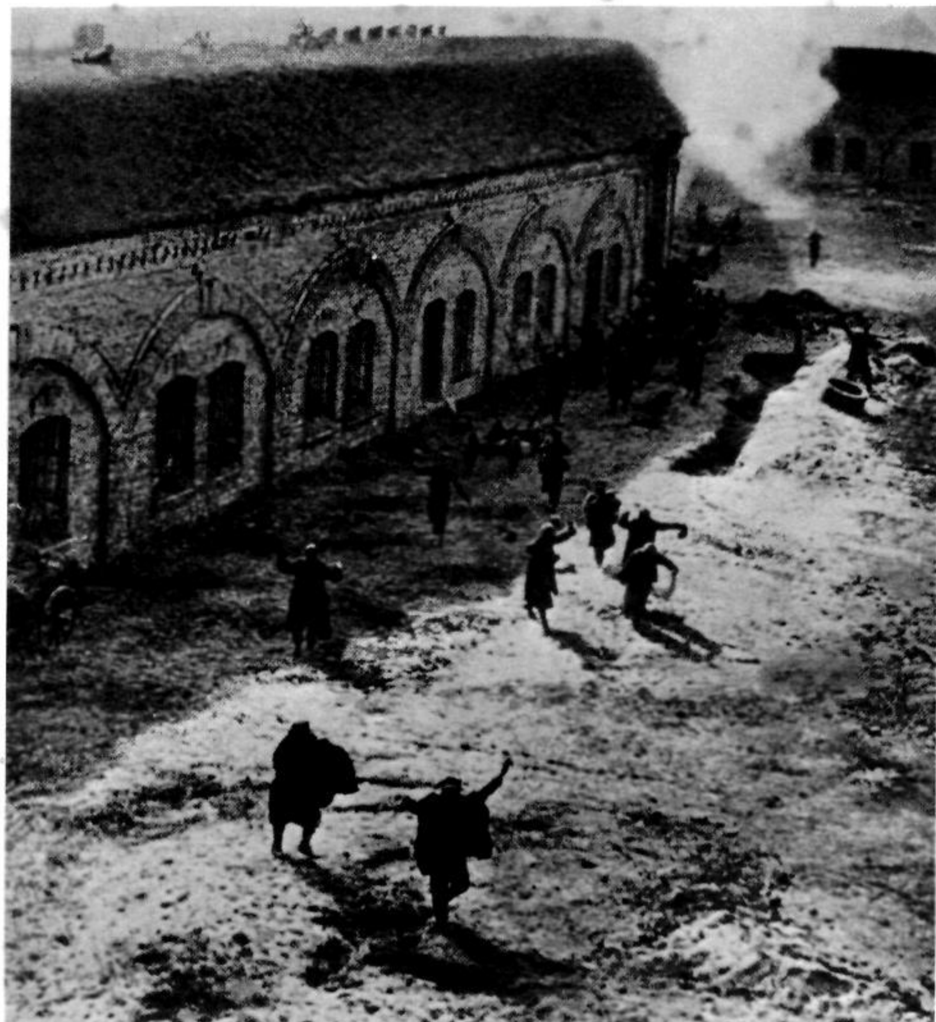


◄
Londres. Domingo, 3 de setembro de 1939. Um vendedor de jornais conta tudo.

▼
Tropas alemãs à espreita dos últimos vestígios da resistência polonesa nas ruas danificadas de Varsóvia.

►
Soldados poloneses, numa das posições fortificadas nos subúrbios de Varsóvia, rendem-se aos alemães.

▼
Hitler assiste ao desfile de suas tropas vitoriosas, em passo de ganso, pelas ruas de Varsóvia.

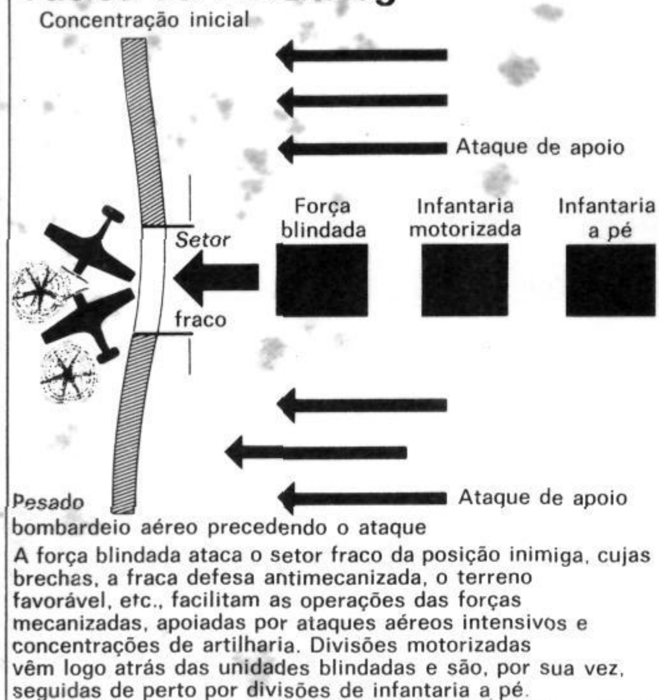




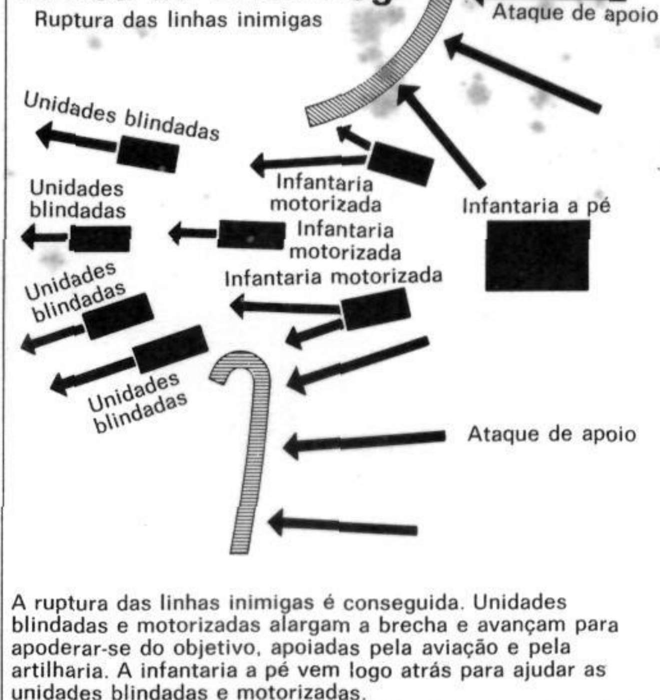


▲
A infantaria russa marchando do leste para a Polônia, enquanto as forças de Hitler avançavam do oeste. Uma vez conquistada, a Polônia foi dividida entre a Rússia e a Alemanha.

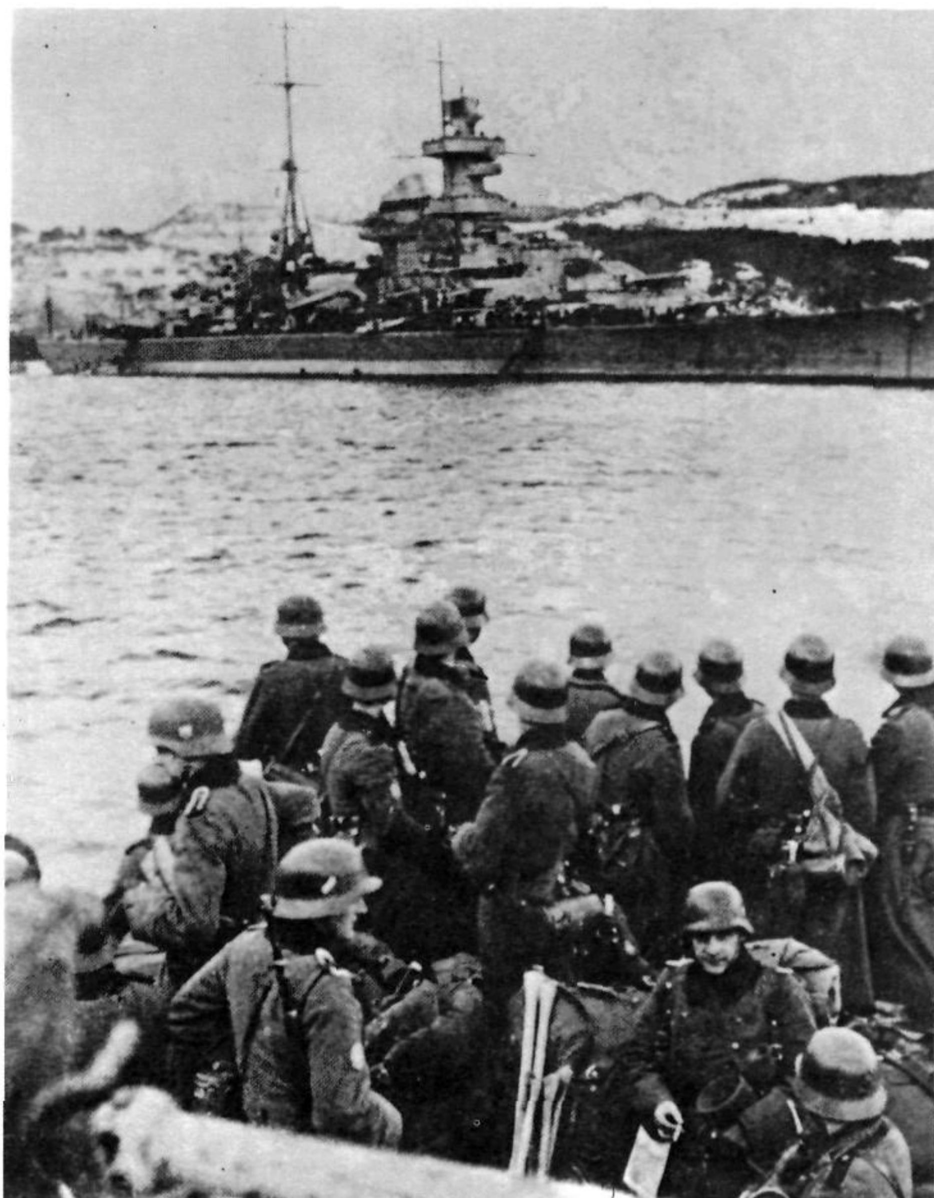
◄
Após a invasão da Polônia seguiu-se um período de inquieta tranqüilidade, a "guerra disfarçada". Foi nessa altura que as crianças de Londres foram evacuadas para o interior do país.



A força blindada ataca o setor fraco da posição inimiga, cujas brechas, a fraca defesa antimecanizada, o terreno favorável, etc., facilitam as operações das forças mecanizadas, apoiadas por ataques aéreos intensivos e concentrações de artilharia. Divisões motorizadas vêm logo atrás das unidades blindadas e são, por sua vez, seguidas de perto por divisões de infantaria a pé.



A ruptura das linhas inimigas é conseguida. Unidades blindadas e motorizadas alargam a brecha e avançam para apoderar-se do objetivo, apoiadas pela aviação e pela artilharia. A infantaria a pé vem logo atrás para ajudar as unidades blindadas e motorizadas.



▶
Tropas alemãs sendo transportadas para a praia da enseada de Oslo, durante a invasão da Noruega, em abril de 1940. As forças invasoras chegaram por terra, mar e ar. Ao fundo, um navio de guerra alemão.

▶▲
Embarcações afundadas em Narvik após um ataque de navios de guerra britânicos, em abril de 1940. Apenas em suas operações na Noruega os ingleses puderam alegar algum êxito.

▶▼
Prisioneiros britânicos escoltados por seus captores alemães após a derrota da Grã-Bretanha nas medidas de defesa encetadas na Noruega.



Seguiu-se a primeira demonstração da eficácia da *tática móvel combinando* forças blindadas e aéreas. Os poloneses concentraram seus exércitos bem à frente, perto da fronteira, e suas reservas ficaram escassamente espalhadas. Assim, quando as colunas blindadas de Hitler, apoiadas pela Luftwaffe, atravessaram as fortificações da Polônia, as tropas polonesas, marchando a pé, foram incapazes de retroceder com rapidez suficiente para se reagruparem. *Num hábil movimento de torquês*, Bock e Von Rundstedt, do norte e do sul respectivamente, lançaram seus homens em direção a Varsóvia. Em 17 de setembro tropas russas cruzavam a fronteira oriental, e, apesar da valente resistência, Varsóvia caiu a 28 de setembro.

A oeste, ingleses e franceses haviam conseguido pouca coisa, parte por causa da lentidão da mobilização, parte por causa de idéias táticas ultrapassadas. A leste a Polônia caiu porque seu Exército, ainda confiando em maciças cargas de cavalaria, era um anacronismo, posto em total desorientação pela implacável investida das forças compactas e altamente móveis de Hitler.

A Alemanha e a Rússia dividiram a Polônia entre si, e a Rússia foi além, fazendo consideráveis exigências territoriais à Finlândia, contra o que os finlandeses se opuseram. Seguiu-se uma guerra onde os finlandeses lutaram dura e amargamente, mas que em março de 1940 já era uma questão decidida.

O colapso da Polônia foi seguido pelo que se tornou conhecido como "guerra disfarçada", que durou até a primavera de 1940. Durante esses meses, os líderes aliados consideraram plano ofensivo após plano ofensivo — sem chegar a conclusão alguma —,





◄▲
A 9 de abril de 1940 forças germânicas cruzaram a fronteira dinamarquesa. Uma hora depois invadiram a Noruega. Aqui uma coluna alemã espera à margem de uma estrada na Dinamarca, enquanto um canhão antiaéreo se mantém de prontidão para repelir os atacantes.

◄
Transportes alemães numa praça de Copenhague, depois da capitulação da Dinamarca.

▲
Hussardos finlandeses avançando para o front durante a guerra entre a Finlândia e Rússia, a qual, do lado finlandês, foi uma demonstração de grande bravura contra uma superioridade esmagadora.

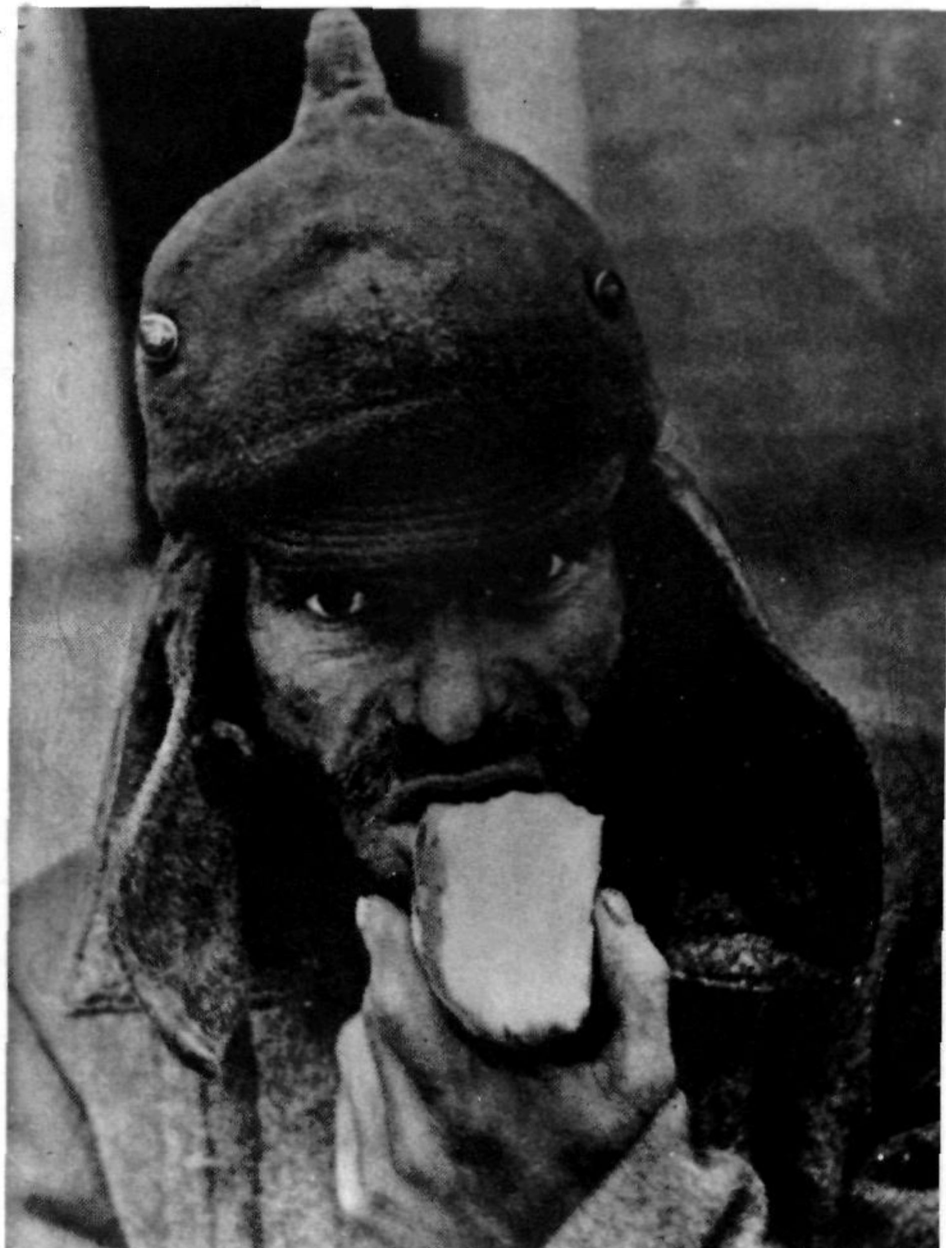
enquanto Hitler, depois de ter sua oferta de paz aos Aliados rejeitada em outubro, desenvolveu seus planos para uma ofensiva impetuosa e decisiva contra a França. Quanto mais cedo desencadeasse sua ofensiva, menos preparados estariam os franceses para lhe fazer frente, e depois de derrotada a França, ele tinha certeza de que a Grã-Bretanha negociaria a paz. Entretanto, o tempo, seus generais e as condições climáticas estavam contra ele, e mesmo quando finalmente fixou a data de 17 de janeiro para início da ofensiva, um extraordinário incidente liquidou seus planos. Um oficial alemão, voando de Münster para Bonn, perdeu a rota e aterrissou na Bélgica. Foi preso, e com ele seus captores encontraram o plano operacional completo da Alemanha para o ataque a oeste, forçando Hitler a adiar a ofensiva. Quando o novo plano, o Plano Manstein, foi posto em prática, trouxe poucas surpresas desastrosas para os Aliados.

Nesse meio tempo, e para consternação de seus adversários, Hitler investiu para o norte, repentinamente, atacando a Noruega e a Dinamarca. A 9 de abril de 1940, forças alemãs desembarcaram em vários portos ao longo da costa norueguesa e também invadiram a Dinamarca. No fim do mesmo dia, haviam tomado Oslo e os portos principais de Trondheim, Bergen e Narvik, enquanto a Dinamarca agüentou apenas vinte e quatro horas. Como é que esses dois países se encaixavam no esquema de Hitler? A maior parte do minério de ferro para o esforço alemão de produção de guerra vinha do norte da Suécia, através de Narvik, e Hitler quis salvaguardar a passagem marítima da Noruega, temendo que a Grã-Bretanha ocupasse esse país, usando a Dinamarca como valioso fornecedor de provisões.

Quando Hitler atacou, a Inglaterra

▶
O rosto deste prisioneiro russo na Finlândia revela sinais de tensão e cansaço. Os finlandeses não desistiram tão facilmente quanto os russos haviam esperado.

▼
Uma unidade de cavalaria polonesa. Em 1939 o Exército polonês ainda contava com onze brigadas montadas de cavalaria, uma das quais, pelo menos, investiu contra os Panzer *alemães durante a invasão.*







▲
Um bombardeiro de mergulho Stuka, alemão. Um fator vital na tática de Blitzkrieg *— sua vulnerabilidade aos modernos aviões de combate — seria posteriormente evidenciado na Batalha da Grã-Bretanha.*

foi em auxílio da Noruega, desembarcando tropas perto de Narvik e Trondheim. Mas chegaram tarde demais, pois os alemães, nessa altura, já haviam estabelecido uma posição forte o bastante para serem capazes de derrotar seus atacantes, auxiliados por uma esmagadora superioridade aérea. Para os ingleses, o afundamento de uma flotilha de destróieres alemães em duas manobras no fiorde de Narvik — uma das quais envolvendo o navio de guerra *Warspite* — não foi mais que pequeno consolo para a completa derrota na campanha norueguesa. Para Hitler isso significou a certeza de fornecimentos de minério de ferro e uma base para ataques aéreos à Grã-Bretanha e, mais tarde, aos comboios com destino à Rússia. Mais uma vez as forças alemãs se haviam movido rápido demais para seus oponentes.

A Batalha da França



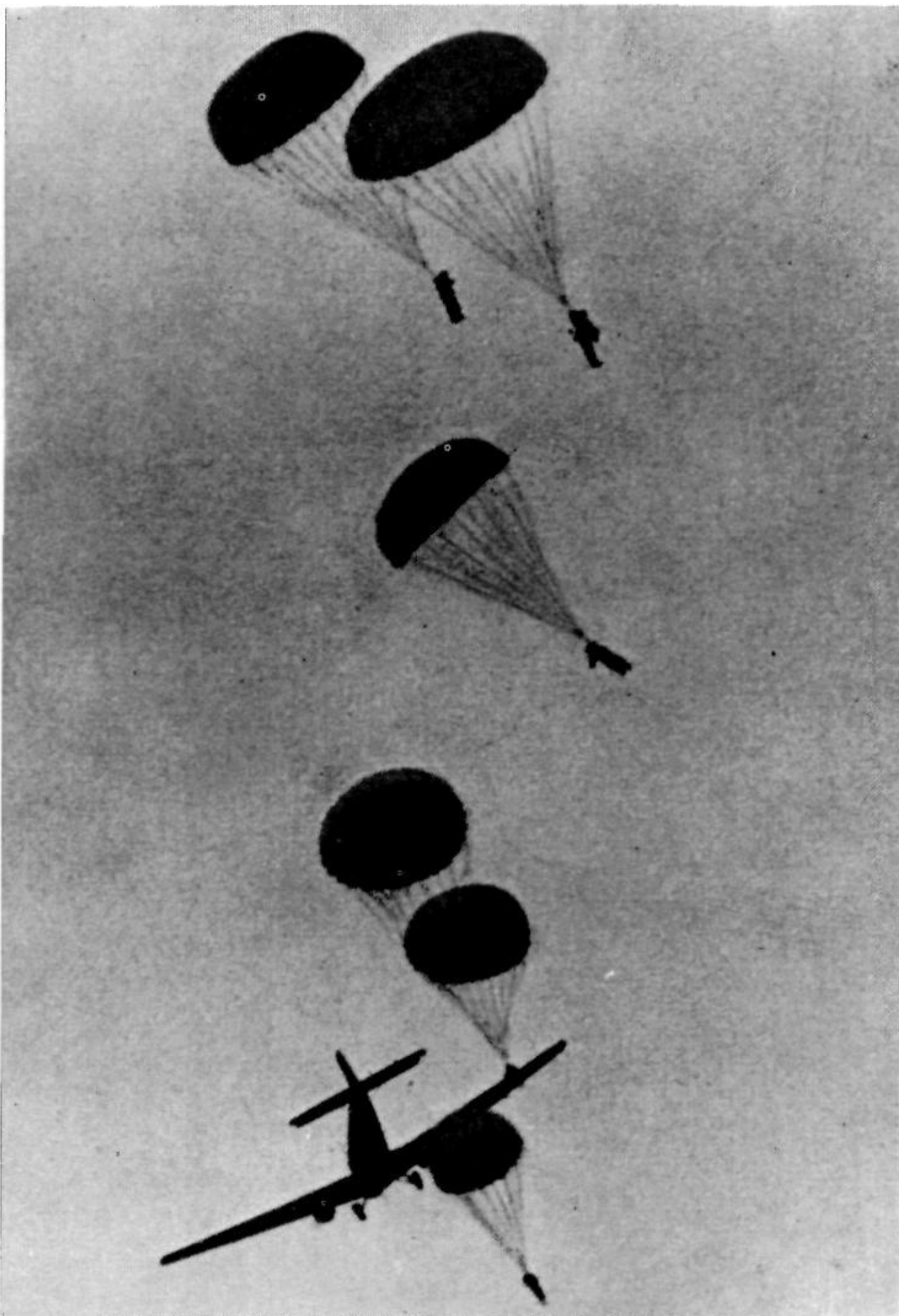


◀◀
A invasão da Bélgica foi desencadeada ao mesmo tempo que a da Holanda. Avançando, soldados alemães correm diante de escombros em chamas, do outro lado de uma estrada.

Chegando a termo a campanha dos Aliados na Noruega, Hitler lançou sua ofensiva para oeste, que deveria culminar com a evacuação da Força Expedicionária Britânica (BEF) de Dunquerque e com a queda da França.

A ofensiva foi iniciada com assaltos bem-sucedidos na Holanda e na Bélgica. Desembarques de tropas aéreas em Haia e Rotterdam foram cronometrados para coincidir com ataques na fronteira oriental da Holanda, e essa combinação revelou-se altamente eficaz ao criar a confusão de que os alemães precisavam. As forças blindadas germânicas abriram uma brecha ao sul e atravessaram rapidamente o país para se juntar às forças lançadas do ar em Rotterdam, enquanto a Luftwaffe mantinha uma pressão implacável. Cinco dias depois do assalto inicial, os holandeses capitularam.

A Bélgica seria a próxima a sentir os efeitos do tratamento da *Blitzkrieg* de Hitler. Aqui, novamente, o ataque alemão veio de terra e ar. Dois objetivos essenciais tinham que ser assegurados antes que a invasão principal pudesse ser desencadeada: a captura, intatas, de duas pontes-chave sobre o canal Albert e o silenciamento do poderoso forte belga em Eben Emael. Um ataque terrestre seria movido com lentidão suficiente para impedir os belgas de dinamitar as pontes e de fazer o melhor uso possível dos canhões de Eben Emael. Assim, pequenos destacamentos aéreos foram silenciosamente lançados do céu: as pontes foram garantidas e o forte, silenciado. As tro-



▶
A 10 de maio de 1940 tropas de pára-quedistas alemães foram lançadas atrás das linhas holandesas. Foi o primeiro grande ataque vindo do ar ocorrido na guerra, e pegou os holandeses de surpresa.

▶▲
Tropas de pára-quedistas alemães pondo-se em ação após aterrissar na Holanda.

▶▼
Uma unidade de artilharia do Exército holandês.

pas alemãs atravessaram o canal, penetrando a linha de defesa belga do outro lado. Duas divisões *Panzer* moveram-se rapidamente através da brecha criada desse modo, e logo as forças belgas estavam em retirada geral. As tropas britânicas e francesas estavam subindo para apoiá-las, quando, seguindo o brilhante Plano Manstein, o exército de Von Rundstedt, depois de levar a cabo a travessia das Ardennes, emergiu nas ribanceiras do Meuse. Essa manobra de surpresa pegou os Aliados desprevenidos. Não haviam imaginado que os alemães tentassem uma ofensiva de porte através das montanhas cobertas de mato das Ardennes, região difícil para tanques e veículos motorizados. Investindo contra os alemães, que atacavam ao norte, e mantendo uma forte concentração defensiva na linha Maginot, ao sul, haviam deixado uma passagem fracamente defendida no extremo ocidental, incompleto, da linha Maginot — exatamente onde os alemães apareceram. Liderada pelo audacioso comandante General "Veloz Heinz" Guderian, a infantaria *Panzer* e os tanques, com apoio aéreo da Luftwaffe, logo se encontraram do outro lado do Meuse. Uma vez vadeado o rio, seu rápido avanço teria prosseguido sem reveses não fosse a repentina falta de nervos do Alto Comando alemão. Temendo um contragolpe aliado, deteve a marcha de Guderian até que a infantaria tivesse uma oportunidade de alcançá-lo, e só então lhe deu sinal verde. Suas divisões *Panzer* estenderam-se para a frente, rumo à costa norte da França.

Essa manobra, os ingleses não demoraram a perceber, encurralaria suas forças entre alemães avançando de leste através da Bélgica, o exército de Rundstedt vindo do sul, os destacamentos *Panzer* de Guderian a oeste, e o canal da Mancha ao norte. Guderian logo atingiu a costa norte, sepa-



▲
A infantaria germânica cruzando uma ponte improvisada em Maastricht, Holanda. Os holandeses em retirada haviam dinamitado a ponte original.

◄
A cidade de Rotterdam durante um bombardeio alemão. Foi quase completamente arrasada pela Luftwaffe.

►▲
Tropas britânicas e francesas foram desembarcadas para lutar contra a maré do avanço alemão através da Bélgica.
A foto mostra uma metralhadora inglesa postada numa esquina de Louvain.

►
Enquanto um combate feroz assolava a Bélgica, forças Panzer *alemãs estavam forçando caminho através das Ardennes para emergir nas ribanceiras do Meuse, que aqui se vê sendo vadeado.*

▶
A linha Maginot: a ferrovia subterrânea evacuando os depósitos. Este elefante branco militar, enormemente dispendioso, foi a racionalização máxima da tática da Primeira Guerra Mundial — a completa capitulação da iniciativa ao inimigo.

▼
Os tanques do General Guderian precederam a arremetida alemã através da França depois de atravessar as Ardennes. Ei-lo aqui, com operadores de rádio, em seu veículo de comando.











◄
Fotografia tirada pelo General Rommel de uma explosão de granada bem à frente de seu carro durante o avanço através da França.

▲▲
Soldados alemães usando lança-chamas contra uma das casamatas da linha Maginot. O Plano Manstein para a ofensiva ocidental recomendava flanquear os pontos mais fortes da linha.

▲
Rommel sobrevoa uma coluna de tanques alemães parada num vale do norte da França, em vôo de reconhecimento.

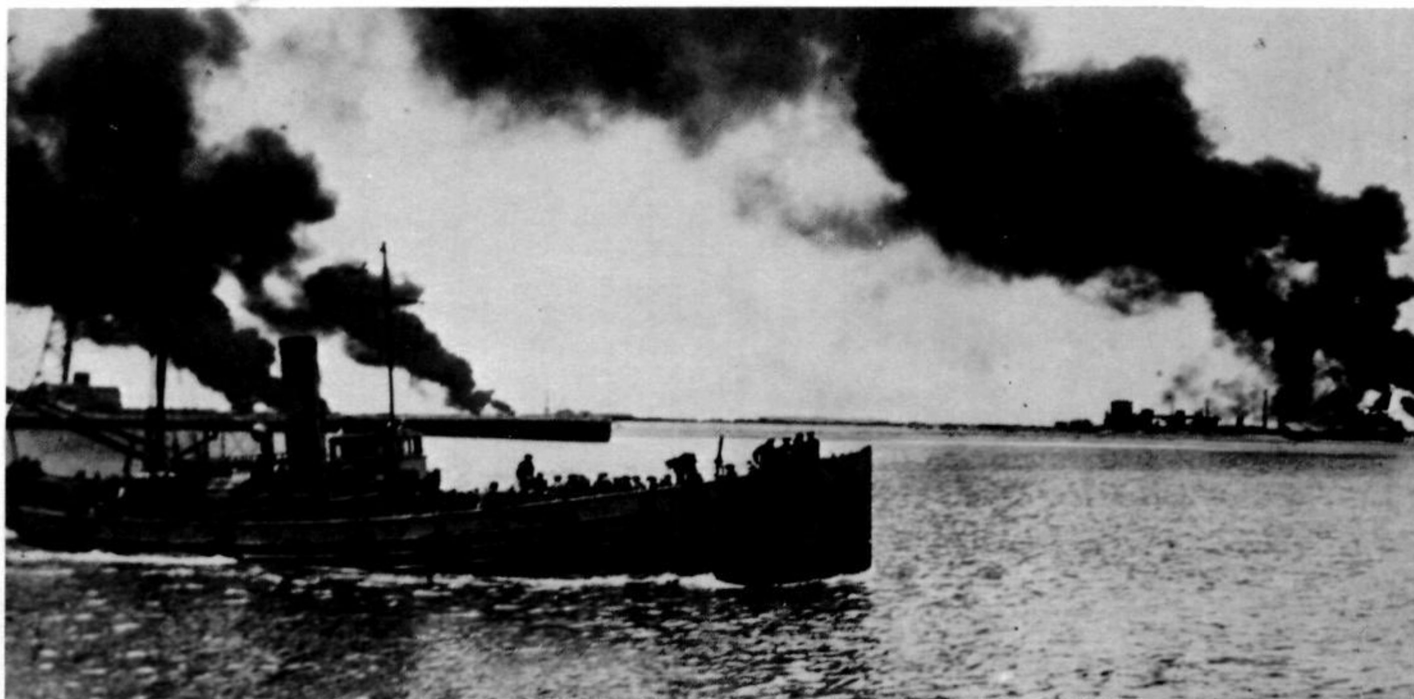


rando a BEF de Boulogne e Calais. Tornava-se claro, agora, que as tropas britânicas teriam que ser evacuadas por mar, e quando o Exército belga se rendeu, a disputa estava decidida. O único porto de embarque ainda desimpedido era Dunquerque, e, ainda assim, ameaçado pelas divisões *Panzer* que se encontravam a apenas 16 quilômetros.

Se Hitler tivesse resolvido dar ordens nesse sentido, a BEF poderia ter sido aniquilada ou forçada a capitular nessa altura, mas por motivos que nunca ficaram claramente identificados, ele manteve distância e teve início a agora legendária evacuação de Dunquerque. Fustigada pelos constantes ataques da Luftwaffe, a frota de navios e barcos que zarpou da Grã-Bretanha para participar da evacuação levou de volta 338 000 homens.

A relutância de Hitler em acabar com a BEF enquanto isso estava a seu alcance pode ter tido muitas causas, entre as quais, talvez, uma expectativa de que os ingleses quisessem fazer um acordo de paz com ele. Entretanto, a única conseqüência da evacuação foi deixar partir 338 000 homens das forças aliadas, prontos para lutar contra ele novamente num outro dia. Os ingleses foram capazes, assim, de repelir a subseqüente ameaça de invasão, o que, no final das contas, contribuiu para a derrota da Alemanha.

Contudo, a Batalha da França ainda não estava acabada. As forças francesas tinham sido severamente diminuídas, enquanto os alemães, por seu lado, haviam trazido reforços e reposições. Sem mais que uma pausa para retomar fôlego, desencadearam uma



◄
O Visconde Gort, comandante-chefe da Força Expedicionária Britânica, que foi evacuada de Dunquerque, com o general francês Gamelin, comandante-chefe das forças aliadas durante a Batalha da França, substituído por Weygand antes da evacuação de Dunquerque.

◄▼
Uma traineira, pesadamente carregada de tropas, encaminhando-se de Dunquerque para alto-mar.

►
A infantaria britânica passando da praia de Dunquerque para um navio de resgate à espera.

▼
Tropas francesas e britânicas aportando na Grã-Bretanha. Chegaram em segurança 338 000 soldados aliados.





Batalha da França

Rotterdam
HOLANDA
Breda
Antuérpia
Dover
Gand
Dunquerque
Calais
Boulogne
Ypres
R. Lys
R. Meuse
3 Divisões Panzer
Colônia
Bruxelas
Eben Emael
Liège
Lille
BÉLGICA
Mons
Arras
Maubeuge
7 Divisões Panzer
Amiens
R. Somme
LUXEMBURGO
Sedan
Ardennes
Rouen
Compiègne
R. Aisne
R. Moselle
Linha Siegfried
FRANÇA
Reims
Linha Maginot
Verdun
R. Sena
R. Marne
Metz
Châlons
Paris

Evacuação britânica, 4 de junho — Posições aliadas antes da ofensiva — Ofensiva alemã — Posição avançada aliada, 14 de maio





◄▼
Rommel recebe a capitulação do comandante de uma unidade francesa e do comandante de uma divisão britânica em St.-Valéry, a 12 de junho de 1940.

◄
Uma combinação de motocicletas encosta ao meio enquanto tanques passam com estrondo, na ofensiva de Hitler no Haisne, que, seguindo firme no rastro de Dunquerque, foi o começo do fim da Batalha da França.

▼
Tropas germânicas reúnem-se na Place Vendôme, depois da queda de Paris, em 14 de junho de 1940.

►►
A artilharia alemã alvejando a linha Maginot.





▶
Hitler num radiante estado de espírito, pouco antes da assinatura do armistício francês, em 22 de junho de 1940, no mesmo vagão ferroviário que testemunhara o armistício no fim da Primeira Guerra Mundial.



▼
Um Pzkw Mk II abrindo caminho através da intransitável região das Ardennes. Apesar de suas gabadas pontas de lança blindadas, freqüentemente se deixa de tomar conhecimento de que o Exército alemão dependia de transporte puxado a cavalo para 75 por cento de suas divisões de infantaria.

▼
Um meio-tanque alemão.

▼▼
Fotografia tirada pelo General Rommel do avanço da sua 7.ª Divisão Panzer *através do interior da França. Os tanques que aparecem na foto são Pzkw Mk II.*

nova ofensiva contra a frente francesa, ao longo do Somme e do Aisne. A resistência inicial foi feroz, mas após dois dias as divisões *Panzer* de Hoth atravessaram a linha de fogo perto de Rouen, e a defesa ruiu por terra. A 14 de junho de 1940, apenas dez dias depois que a última remessa de soldados havia deixado Dunquerque, e apenas nove dias depois de ter começado a nova ofensiva, as tropas alemãs entravam em Paris. O governo francês havia partido para Tours a 9 de junho, forças alemãs estavam aprofundando-se cada vez mais em território da França, fragmentando o Exército francês em pequenas unidades, e a situação parecia sem esperanças. A 25 de junho, o Marechal Pétain assinava um armistício com Hitler no mesmo vagão ferroviário que testemunhara a assinatura do armistício de 1918 pela Alemanha.

Os fatos até aqui, culminando no repentino colapso da resistência francesa, haviam provado conclusivamente a eficácia da tática *Blitzkrieg*. Com forças móveis relativamente pequenas, e com apenas tanques leves e médios, Hitler havia, num espaço de tempo extremamente curto, tomado posse, ou colocado sob controle, a maior parte da Europa ocidental. Cada vez que se movia, fazia-o rapidamente demais para seus oponentes — na Noruega, Dinamarca, Holanda e Bélgica —, enquanto um brilhante desempenho pôs a França e a Grã-Bretanha de joelhos com uma velocidade que nem ele próprio havia esperado. Para a Grã-Bretanha, que agora devia lutar sozinha, as perspectivas eram negras.





A Batalha da Grã-Bretanha




BASS


A manhã seguinte: homens lutando contra o fogo, exaustos, numa rua danificada em Coventry.


Foto aérea de parte da frota de invasão da Operação Leão-Marinho de Hitler, no porto de Boulogne. Foi com o fim de enfraquecer a resistência britânica que Hitler ordenou a Goering um assalto aéreo contra a Grã-Bretanha.

A queda da França e a evacuação de Dunquerque teriam deixado a Inglaterra, com seu Exército em desordem e sua Força Aérea ainda longe da potência adequada, exposta a um assalto devastador por parte da Alemanha, se esse assalto tivesse sido desencadeado imediatamente. Mas Hitler se deteve, primeiro porque os arranjos e preparativos para a invasão da Grã-Bretanha por mar, conhecida como Operação Leão-Marinho, estavam longe de estar completos, e segundo porque esperava que Churchill, reexaminando a situação perigosamente fraca da Inglaterra, tentasse fazer negociações de paz. Os termos dessa paz, achava Hitler, seriam altamente favoráveis a ambas as partes: a Grã-Bretanha se retiraria do conflito e permitiria a Hitler prosseguir sem ser molestado rumo à dominação da Europa; e a Alemanha, por sua vez, se comprometeria a deixar a Inglaterra e seu império ultramarino tranqüilos.

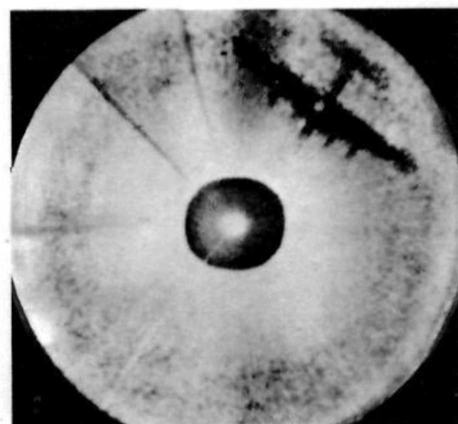
Churchill, porém, não tomou qualquer iniciativa para entrar em tais negociações, e, com a Leão-Marinho adiada para setembro, Goering foi instruído para lançar um vigoroso ataque aéreo contra a Inglaterra, a fim de enfraquecer a possível resistência à invasão quando esta ocorresse. Os chefes do Exército e da Marinha de Hitler soltaram um suspiro de alívio. Tinham sido sempre céticos quanto às *chances* de sucesso da invasão, visto que seria uma operação de extraordinária complexidade logística e tática, e estimularam animadamente, portanto, o de-



▲
Voluntários da Guarda Doméstica britânica praticando tiroteio antiaéreo.

◄
As posições de aviões amigos e inimigos sendo assinaladas na mesa de operações num centro do Corpo Real de Observadores. Toda a evolução dos acontecimentos era instantaneamente passada ao Comando de Combate.

▼
Os ingleses contavam com a vantagem de possuir equipamento de radar durante a Batalha da Grã-Bretanha. A foto mostra o contorno de um bombardeiro alemão numa tela de radar.





sejo de Goering de agradar o *Führer* demonstrando a supremacia do poder aéreo da Luftwaffe.

Em 5 de agosto Goering recebeu a ordem de ir em frente, e a Batalha da Grã-Bretanha começou. Goering tinha à sua disposição cerca de 2 700 aviões — número consideravelmente maior do que o que os ingleses podiam reunir. Entretanto, ambos os lados possuíam uma quantidade quase igual de aviões de combate, e a Inglaterra tinha três pontos a seu favor. Dispunha de um sistema de radar auxiliado por membros do Corpo de Observadores; estava em condições de construir aviões mais depressa (para substituir as perdas); e seus Spitfires e Hurricanes, tendo que voar uma distância menor até a área do conflito, dispunham de combustível para permanecer mais tempo em combate. Em contrapartida, o Hurricane era mais lento do que o Me 109 alemão (embora o Spitfire fosse ligeiramente mais veloz), e a RAF estava com escassez de pilotos treinados, fato que veio à tona quando a batalha terminou.

Os alemães chamaram o 13 de agosto como *Adlertag*, ou seja, Dia da Águia. Assinalava o lançamento de um esquadrão de 1 400 aviões alemães, com ordens para destruir as bases da RAF e as instalações de radar a sudeste de Londres. Entretanto, os primeiros movimentos não corresponderam às expectativas de Goering. O radar inglês e o sistema de observação davam à RAF condições de ter seus aviões no ar imediatamente, prontos para enfrentar a Luftwaffe, e por uma perda de 45 aviões alemães Goering pôde apenas relatar danos sérios em duas bases inglesas e a destruição de treze aviões da RAF. O tempo nublado restringiu as atividades da Luftwaffe no dia seguinte, 14 de agosto, mas a 15 de agosto ocorreu o ataque mais violento da batalha inteira. Mais de 1 500 aviões alemães, mais de um terço dos quais composto de bombardeiros, atravessaram a costa britânica. Era a tentativa de Goering para esmagar de uma vez a resistência aérea dos adversários. Houve dois ataques a campos de pouso no norte da Inglaterra: uma feroz resistência obrigou uma esquadrilha de bombardeio, escoltada por aviões Me 110 que não puderam fornecer muita proteção, a voltar atrás sem causar prejuízos sérios; a outra, embora sem escolta, infligiu pesados danos à base da RAF de Duffield, em Yorkshire, apesar de sofrer graves perdas também.

No sul da Inglaterra, as bases de Hawkinge e Lympne foram atacadas, sendo que a última ficou temporariamente fora de ação. Por todo o dia, numa desconcertante variedade de ata-

▲
Goering e oficiais do Estado-Maior da Aeronáutica observando da costa norte da França a luta sobre a Inglaterra. Foi o próprio Goering quem dirigiu as operações.

▶▲
Um avião Spitfire sendo rearmado para combate. O Spitfire era mais veloz do que o Messerschmitt Me 109 alemão, e seus pilotos, tendo que percorrer uma distância menor do que os adversários para atingir a zona de hostilidades, contavam com a vantagem adicional de dispor de combustível para permanecer mais tempo em combate.

▶
Pilotos aguardando a ordem de combate.



ILY MIRROR, Monday, Sept. 16, 1940.

Daily Mirror

SEPT 16

No 11,473 ONE PENNY

Registered at the G.P.O. as a Newspaper.

175 MASS RAIDERS DOWN

A HUNDRED AND SEVENTY-FIVE GERMAN RAIDERS WERE DESTROYED UP TO 10 p.m. YESTERDAY. FOUR FELL TO THE A.A.

The R.A.F. had one of its greatest days in smashing two mass attacks on London.

Thirty of our machines were lost, but ten pilots are safe.

The two raids came in little over two hours.

In the first Buckingham *Palace was again bombed.* The King and Queen were not there.

Crowds in London streets cheered and danced with joy as they saw a bomber crash.

Pictured on right is a Dornier crashing in flames.

Yesterday's German losses bring up to over 2,000 the total of enemy planes destroyed since the beginning of the war.



The end of a raider over London at noon yesterday. High up you see a Dornier plunging to destruction—tail and wing-tips already shot away. *n the bottom corner the British fighter that did it is seen.* Between the two is a German parachuting down. Other pictures on centre pages.

BOMB HIT QUEEN'S APARTMENT

THE Queen's private apartments were badly damaged when Buckingham Palace was bombed again yesterday—for the third time in a week.

But the King and Queen escaped the murderous attack. They were not in the palace when the bombs fell. There were no casualties.

The raider was shot down soon afterwards. It was engaged by British fighters and shot to bits.

Two high explosive bombs and a shower of incendiaries were dropped. Neither of the high explosive bombs has yet exploded. The first fell in the Queen's apartments and the second on the lawns.

The incendiary bombs scattered over the Palace grounds, where they started several small fires on the grass.

These fires were quickly dealt with by the Palace A.R.P. staff and police.

Break in Pieces

Watchers said that they saw the German plane high over the Palace and heard the whistle of bombs.

"Then we saw British fighters attacking the plane," said one. "A few seconds later we saw the plane break in pieces and the wings go fluttering in one direction while the fuselage fell almost like a stone.

"One of the crew jumped, but his parachute failed to open and he fell on the roof of buildings close by. He was killed instantly."

In the first attack on the Palace a delayed action bomb was dropped last Monday. It exploded on Tuesday, damaging the Princesses' swimming pool.

On Friday a raider swooped down and released a salvo of five high explosive bombs. One of these wrecked the Royal Chapel.

After Friday's raid the King declared in reply to the Cabinet's congratulations: "Like so many other people the Queen and I have now had a personal experience of German barbarity which only strengthens the resolution of all of us to fight through to final victor "

Every One a Hero

Mr. Anthony Eden, Secretary of State for War, has sent a message to bomb disposal units praising their courage and devotion to duty.

"Your cheerful acceptance at all hours of hazards which might well daunt the stoutest heart is beyond praise," he says. "Your work has aroused the admiration of your fellow countrymen and is worthy of the high traditions of the Army."

ST. PAUL'S SAFE —TON BOMB IS RACED AWAY

ST. PAUL'S CATHEDRAL has been saved from the biggest bomb ever dropped on London. The bomb weighed a ton.

For three days soldiers risked their lives to dig it clear. Two lorries were needed to haul it out.

Then it was loaded on to a fast lorry. All the way from St. Paul's to Hackney Marshes the route was cleared of traffic, and the lorry with its deadly load was driven through at high speed to be safely exploded

In charge of the bomb disposal section on this highly dangerous job was Lieutenant R. Davies.

The bomb had been dropped in Dean's Yard, close to the west end of St. Paul's. It fractured a six-inch gas main and three of the soldiers were gassed at an early stage.

Officer Drove

When the gas had been cut off the bomb disposal section had to dig 27ft. 6in. into the subsoil before they found the bomb.

It looked like a vast hog, about 8ft. long. It was fitted with fuses which made it deadly dangerous to touch or move.

To save devastating damage to St. Paul's, the risk of removal had to be undertaken.

Two lorries in tandem were used to haul it out of the hole, and Lieutenant Davies himself drove the lorry which took the bomb to the marshes, the risk of explosion being imminent all the time.

At Hackney Marshes yesterday the bomb was blown up by the bomb disposal section. It caused a 100ft. crater. It rattled windows and loosened plaster in houses far away on the marshes.

Only the courage and tenacity of the officer, his N.C.O.s and men prevented St. Paul's bei evelled to the ground.

The closed roads around St. Paul's were yesterday reopened for traffic.

Hunted Down by R.A.F.

THE R.A.F. gave the German Air Force its most gruelling day ever yesterday—and its most costly day for nearly a month.

Four hudnred enemy machines were launched in two mass raids.

Most of those that escaped were chivvied and harried to the coast.

Spitfire and Hurricane squadrons, many of them veterans in London defence, fought the raiders over the Kent coast as they came in, fought them over Maidstone and Canterbury, above the Medway and Thames Estuary.

Many they turned away. The survivors they fought again over London itself.

Squadron after squadron of fighters flew into action.

A squadron of Hurricanes, which destroyed nine, began their fight over London and ended up over the cliffs of Hastings. Another chased a group of bombers from the Thames at Hammersmith to Beachy Head, shooting down five.

A formation of Hurricanes which caught some of the enemy just as they were coming up the Thames handled them so roughly that one of the pilots said afterwards he thought it was *very unlikely that any of the bombers*

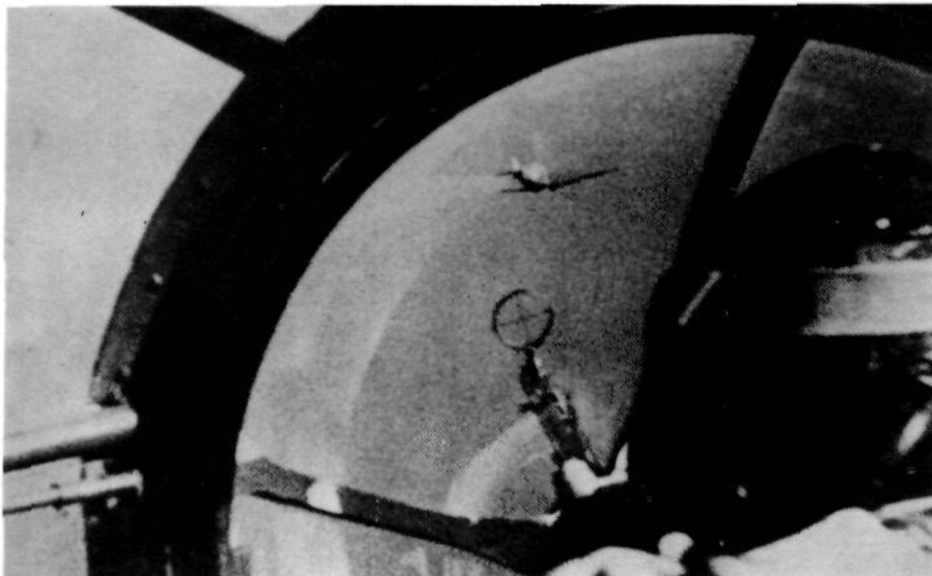
Continued on Back Page




A maior coleção de sucessos da RAF: o Daily Mirror *anuncia a cifra, exultante.*


Soldados da aviação alemã sendo escoltados para longe dos destroços em chamas de seu He III, na costa sudeste da Grã-Bretanha.


Capitão A. G. "Sailor" Malan, um dos ases ingleses no abate de aviões inimigos. Com 35 vitórias, foi o terceiro mais alto colocado na contagem de pontos da RAF.









◄▲
Um Spitfire visto do nariz de um Heinkel He III, mergulhando através de uma formação alemã de bombardeio.

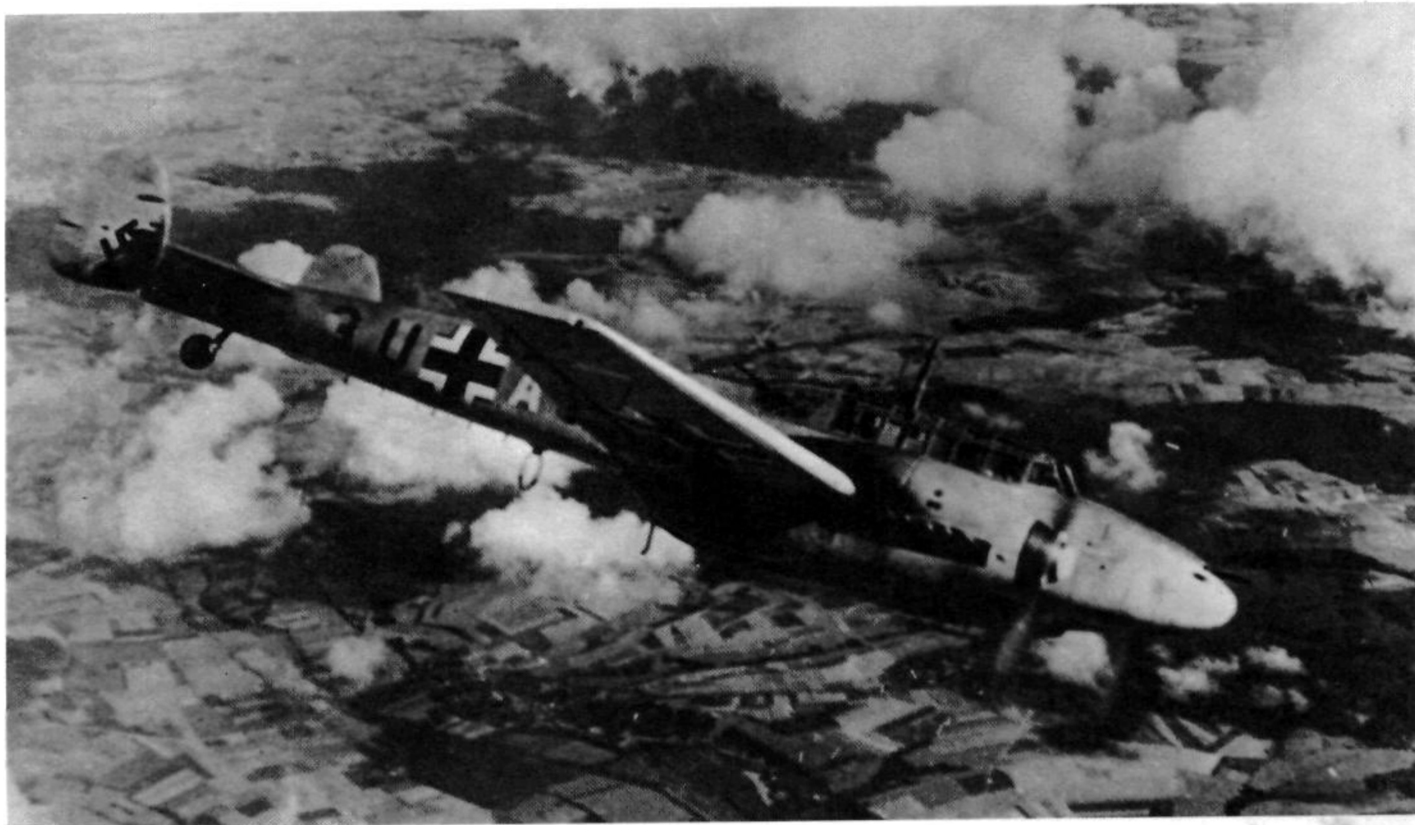
▲
Major Adolf Galland (à esquerda), o principal ás do ar alemão. Foi o que obteve mais pontos na Batalha da Grã-Bretanha, com 57 vitórias.

◄
Um avião de combate, soltando fumaça e chamas, começa sua última aterrissagem.

◄▼
O Messerschmitt Me 109 alemão era mais difícil de manobrar do que o Spitfire, e, embora possuindo consideráveis vantagens de combate, era limitado por um percurso de apenas 650 quilômetros.

►▲
Um Me 110 sobre a Inglaterra durante a Batalha da Grã-Bretanha. Embora a Luftwaffe tivesse grandes esperanças neste modelo, ele se demonstrou desajeitado e vulnerável demais para ser eficaz.

►
Uma formação de bombardeiros Heinkel He III troveja no céu nublado a caminho de Londres. Após o ataque inglês contra Berlim, Hitler ordenou a Goering que concentrasse o bombardeio sobre Londres.





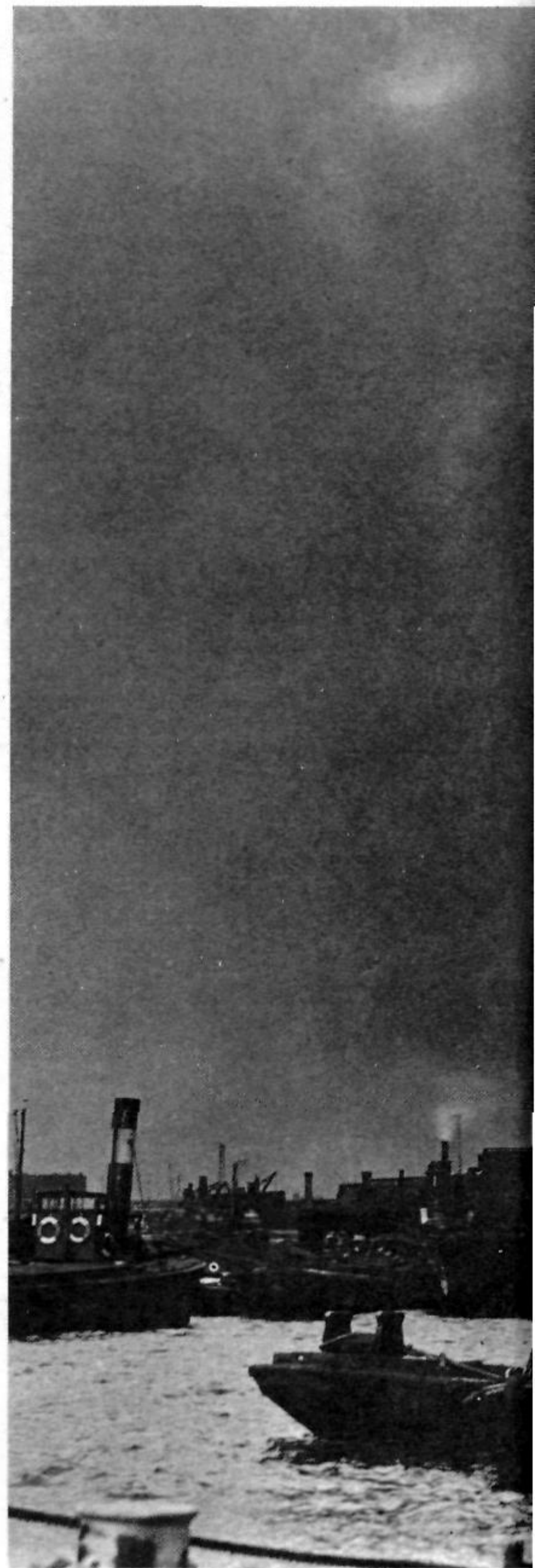
ques, os alemães tiveram os aviões de combate ingleses à sua cola. Felizmente para os ingleses, os ataques alemães não foram bem coordenados e puderam, portanto, ser rechaçados, mas quando duas investidas maciças foram desfechadas no sul da Inglaterra em rápida sucessão, à noite, os ingleses foram forçados a revidar com uma resposta maciça. Para enfrentar o primeiro ataque, nada menos do que 170 aviões de combate decolaram — um tributo à coordenação e ao controle do Comando de Combate. Ambos os ataques foram repelidos, sem que provocassem grandes danos.

As perdas da Luftwaffe nesse dia totalizaram 76 aviões, enquanto os ingleses perderam apenas 34. Estava ficando claro que o domínio do ar sobre a Grã-Bretanha era um objetivo mais difícil do que se supusera. A 16 e 18 de agosto, foram desferidos ataques em escala bem maior, mas ambos conseguiram pouca coisa, e as perdas alemãs foram graves. Goering havia superestimado as perdas inglesas e, acreditando que a RAF estaria tão enfraquecida em números que o uso do radar não seria mais um fator crucial, concentrara seus esforços sobre as bases da RAF mais do que sobre as instalações de radar. Mas estava errado em ambas as considerações e pagou pelo erro com a perda de mais de 450 aviões nas primeiras três semanas de agosto.

A 24 de agosto, depois de uma breve bonança, Goering desferiu sua segunda ofensiva contra uma Grã-Breta-







▲▲
Observadores sobre um telhado, a postos, durante um ataque aéreo a Londres. Sua tarefa consistia em dirigir os responsáveis pelo combate às chamas para onde fossem necessários.

▲
Um Heinkel He III sobrevoando Silvertown, Londres. Desviando o ataque de Londres, Hitler perdeu toda a chance de vencer a Batalha da Grã-Bretanha.

nha sitiada. A superioridade que a RAF conservara até então dessa vez não foi mantida sem sacrifício: houve pesadas perdas, que não estavam sendo compensadas pela velocidade de produção de novos aviões; fábricas e campos de pouso sofreram danos consideráveis; os pilotos estavam tensos e exaustos; não havia novos pilotos saindo dos centros de treinamento com rapidez suficiente para substituir os que tinham sido perdidos. Além disso, a tática de Goering melhorou, e o final de agosto viu um aumento assustador nas perdas britânicas. Mas as perdas da Luftwaffe haviam-lhe reduzido consideravelmente a potência, e quando a 7 de setembro Hitler instruiu Goering para mudar sua política de visar incessantemente o Comando de Combate da RAF



▲
Uma cortina de fumaça ergue-se dos prédios em chamas além do Tâmisa. O cais de Londres era um alvo importante para os bombardeios.

para uma série de bombardeios diurnos sobre Londres, aquele comando teve uma *chance* para recuperar parte de sua força. Naquele dia Goering e Kesselring se puseram sobre os penhascos da costa norte da França e observaram o maciço esquadrão de mil aviões alemães passar por cima de suas cabeças em direção a Londres. O cais, o centro e o leste de Londres foram bombardeados, causando morte ou ferimentos a 1 600 civis. A oposição de solo e ar foi muito fraca — havia canhões insuficientes e a RAF chegou tarde em cena —, e um reforço alemão enviado na mesma noite perdeu apenas um avião em ataques que duraram a noite toda.

Seguiu-se uma série de ataques noturnos a Londres, durando até 3 de





▲
Enquanto caem bombas, londrinos procuram se acomodar o melhor possível para passar a noite numa estação de metrô. Dormiram aí noite após noite.

◄
Um prédio ardendo durante a Blitz. *De 7 de setembro a 13 de novembro de 1940, a Luftwaffe lançou mais de 13 000 toneladas de explosivos sobre Londres, matando uma pessoa por tonelada que caiu. Aproximadamente 1 milhão de bombas incendiárias choveram igualmente sobre a capital.*

◄▼
Como fregueses de uma livraria, estes senhores inspecionam cuidadosamente os volumes raros na biblioteca da Holland House, que ficou inutilizada, perto de Kensington High Street, Londres. A casa, construída em 1607, foi severamente danificada por material incendiário.

►▲
Numa rua em East Ham, East London, pessoas salvando o que podem de suas casas bombardeadas. Essa cena tornou-se bastante familiar quando a Blitz *acabou.*

►
O homem que incitou os ingleses a continuar lutando, Winston Churchill, sendo aplaudido pela multidão em Liverpool, que também foi alvo das bombas alemãs.







novembro, conhecida como *Blitz*. Apesar do início vacilante, os ingleses logo passaram a dar um tratamento ainda mais violento à Luftwaffe. As defesas antiaéreas foram consideravelmente aumentadas e o Comando de Combate, aproveitando a folga concedida pelo relaxamento da pressão sobre suas bases, logo recuperou forças.

Em 14 de setembro, data marcada para o desencadeamento da Operação Leão-Marinho, a frota para a invasão estava pronta, mas Goering não havia destruído nem Londres nem a RAF, e a invasão foi adiada. Não podia ser adiada por muito tempo, porém, pois as condições de tempo se tornariam desfavoráveis, e na manhã de 15 de setembro Goering e Kesselring lançaram mil aviões sobre Londres, num maciço ataque diurno. Num combate que se estendeu por todo o dia, seis aviões alemães foram abatidos, as perdas da RAF contaram 26 unidades, e finalmente, permanecendo intatas as defesas britânicas, o ataque foi rechaçado.

A 18 de setembro deu-se a ordem para que a frota Leão-Marinho, devido ao mau tempo e aos persistentes ataques de bombardeiros da RAF, fosse dispersada. A única finalidade do assalto aéreo alemão à Grã-Bretanha — o enfraquecimento para a invasão — fora frustrada, e embora o bombardeio continuasse por algum tempo, o clímax havia passado.

A 3 de novembro, pela primeira vez em meses, nenhum alarme antiaéreo preveniu os londrinos de um ataque iminente. Entretanto, uma nova ofensiva estava a caminho. A 14 de novembro iniciou-se uma campanha de bombardeios noturnos sobre as cidades, centros industriais e portos ingleses. Coventry foi a primeira a sofrer, depois Birmingham, Southampton, Bristol, Plymouth e Liverpool. Londres foi alvo de um ataque pesado em 29 de dezembro, e depois a Luftwaffe abrandou, devido ao inverno. Em março os ataques recomeçaram, e a 10 de maio Londres sofreu um assalto realmente violento, mas a 16 do mesmo mês a *Luftwaffe* desviou a atenção para a iminente invasão da Rússia e o pior havia passado.

Nessa famosa batalha, a Alemanha chegou muito mais perto da vitória do que a Grã-Bretanha admitiu ou Hitler imaginou. Se os ingleses não tivessem bombardeado Berlim em 25 de agosto, Hitler não teria ordenado à Luftwaffe que concentrasse o ataque sobre Londres, e o ataque às bases avançadas do Comando de Combate poderia ter sido repelido num momento em que a RAF estava em seu ponto mais fraco. E se mais tarde a Luftwaffe tivesse persistido mais tempo em seus ataques contra centros industrais, a Grã-Bretanha teria sido posta de joelhos. Dois erros táticos, análogos ao erro de não liquidar com a BEF em Dunquerque, afrouxaram o aperto de Hitler na Grã-Bretanha — e ela sobreviveu para lutar noutra ocasião.

A invasão da Rússia






Tanques alemães levando a infantaria durante o rápido avanço na Rússia, em outubro de 1941.

O pacto de Hitler com a Rússia, o pacto Molotov-Ribbentrop de 1939, foi um expediente estratégico que capacitou o *Führer* a invadir a Polônia e subseqüentemente assolar o ocidente sem recear uma intervenção russa. Mas, nutrindo fanáticas convicções anticomunistas, não é de admirar muito que, mais tarde, invadisse os territórios de sua antiga aliada. Seus motivos, porém, não foram puramente ideológicos. A longo prazo a Rússia oferecia um *Lebensraum* quase sem limites, os campos de trigo e os celeiros da Ucrânia, e o petróleo do Cáucaso. A curto prazo, Hitler achou que ela estava ameaçando seu fornecimento de petróleo da Romênia, e conspirava para intervir do lado inglês na guerra da Alemanha contra a Grã-Bretanha. "A Grã-Bretanha", insistia ele, "deve ser conquistada; portanto, a Rússia tem que ser eliminada."

Pelo fim de 1940, o General von Paulus, que mais tarde comandaria o exército que se rendeu aos russos em



▶
À meia-luz de um amanhecer nevoento, uma metralhadora alemã guarda a travessia de um rio no avanço contra a Rússia.

▼
Tropas alemãs gozando alguns momentos de relaxamento ao sol de verão, enquanto são transportadas em balsas para o outro lado de um rio na Rússia. Esta foto ilustra o estado de espírito confiante dos alemães nos estágios iniciais da campanha da Rússia.

▶▲
O momento de disparar. A artilharia de campo alemã na frente russa.

Invasão da Rússia

0 — 800 quilômetros

Avanço alemão de 22 de junho a 1.º de setembro de 1941

Alcance máximo do avanço alemão



▲
A infantaria alemã espraiando-se por um campo maduro, durante o avanço.

▶
Um prisioneiro russo na Ucrânia, encarando a câmara de seus captores nazistas com o rosto contraído pela apreensão.



Stalingrado, foi instruído por Hitler para fazer um plano detalhado para a ofensiva contra a Rússia. A 5 de dezembro Hitler emitiu ordens para que fossem feitos preparativos para Barbarossa — a invasão da Rússia —, que deveriam estar completos em 15 de maio de 1941. De fato, a invasão provavelmente teria ocorrido nessa data se a atenção de Hitler não tivesse sido desviada para a expedição de tropas alemãs para os Balcãs.

Hitler quisera garantir o controle dos Balcãs por meio de diplomacia armada, antes de invadir a Rússia, prevenindo assim qualquer intervenção britânica naquele setor. A Bulgária submeteu-se, mas a Grécia e a Iugoslávia resistiram, compelindo Hitler a desviar divisões *Panzer* destinadas à ofensiva russa para dominar esses dois países. A intervenção armada da Inglaterra foi quase que completamente ineficaz, e em questão de semanas a





▲
Um soldado alemão bate com a coronha de seu rifle nas pernas de um prisioneiro russo na Ucrânia.

◄
O General Karl von Rundstedt, que comandou o avanço alemão sobre Kíev.









◄▲▲
O veterano russo Marechal Budiênni, cujo exército enfrentou Von Rundstedt quando este avançou sobre Kíev. Na batalha subseqüente, 600 000 russos foram liquidados num movimento de torquês de Kleist e Guderian, a quem Hitler havia desviado de seu avanço contra Moscou para ajudar Von Rundstedt a esmagar o exército de Budiênni.

◄▲
Soldados da infantaria alemã deslocando a carreta de um canhão para uma balsa, enquanto uma aldeia russa arde atrás deles.



◀◀
Uma foto em tamanho natural de propaganda oficial alemã: Hitler esfregando as mãos alegremente, ao inspecionar um campo coberto de soldados russos mortos.

▲
Aldeões russos pranteando seus mortos. Os alemães, avançando, abateram milhares de civis russos.

Grécia e a Iugoslávia estavam fora de combate. Mas o início de Barbarossa teve que ser adiado para a segunda metade de junho, o que mais tarde contribuiria para a derrota alemã no leste.

A 22 de junho, tropas alemãs atravessaram a fronteira russa em três correntes separadas. Ao norte, um exército comandado por Von Leeb avançou contra Leningrado através dos Estados bálticos ocupados pela Rússia; ao centro, um exército sob o comando de Von Bock moveu-se da área de Varsóvia em direção a Smolensk e depois Moscou; e ao sul, Von Rundstedt comandou um exército dos pântanos do rio Pripet rumo a Kíev.

Hitler pretendia que esses exércitos avançassem tanto quanto possível em território russo, depois efetuassem uma conversão e armassem uma armadilha para os russos com uma série de cercos maciços. Inicialmente o avanço foi



▶
Como os alemães chegavam cada vez mais perto, mulheres russas foram recrutadas para cavar profundas trincheiras antitanques em torno de Moscou.

▼
Tanques do Exército Vermelho, com infantaria de apoio, avançando contra posições alemãs em torno de Moscou.

quase tão rápido quanto na Polônia e na França, mas os alemães não haviam levado em conta a obstinação da resistência russa, que os deteve mais tempo do que esperavam. Além disso, as estradas eram precárias e as distâncias a serem cobertas, muito maiores do que as percorridas nas campanhas polonesa e francesa, criaram consideráveis problemas logísticos. A frustração de Hitler crescia à medida que suas forças arremetiam cada vez mais fundo na Rússia e o grande cerco ainda as iludia. Então começou a chover. As estradas sem calçamento transformaram-se em verdadeiros lamaçais. Tanques e outros veículos dotados de esteiras podiam continuar sem impedimento, mas seu abastecimento e a infantaria de apoio, em veículos de

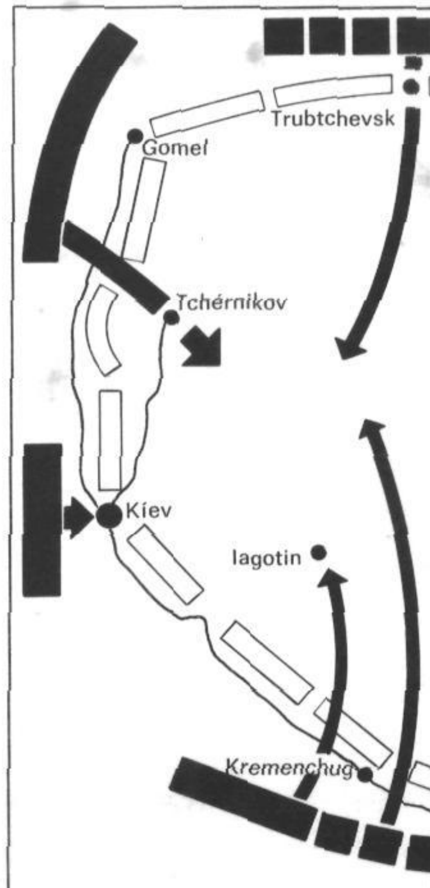


◄ *Homens da infantaria alemã recuando em meio a uma explosão de granadas, repelidos pelos russos. O avanço alemão foi detido abruptamente em Moscou.*

▼ *Um meio-tanque alemão faz uma pausa durante o avanço. Ao fundo, carros russos requisitados para fins militares sendo arrebanhados.*

Batalha de Kíev





Exército de Budiênni | Exércitos alemães | Destacamentos blindados alemães

►▲
A infantaria alemã, seguindo a trilha de destruição deixada pelos bombardeiros de mergulho Stuka, precipita-se em direção de construções em chamas abandonadas pelos russos.

►
A infantaria alemã espera, tensa, entre a vegetação rasteira, durante a investida final contra Kíev.

▼
Uma coluna de Panzer alemães lançando-se em direção ao centro da Rússia.





rodas, os retardaram.

Apesar desses problemas, as divisões *Panzer* de Guderian e Hoth foram capazes de capturar 300 000 soldados russos em Smolensk, em julho, e não fosse pelo lento progresso dos exércitos de Von Rundstedt ao sul, o avanço sobre Moscou se teria processado velozmente. Mas Rundstedt deparou, em Kíev, com um formidável exército russo, sob o comando do veterano Marechal Budiênni. Hitler estava ansioso de que Rundstedt se habilitasse a arremeter com o máximo de pressa para a Criméia e, ante a insistência de Guderian de que devia continuar perseguindo os russos na estrada que levava a Moscou, o *Führer* ordenou a uma parte do exército de Bock, incluindo as divisões *Panzer* de Guderian, que voltasse para o sul e ajudasse Rundstedt a derrotar Budiênni e seus homens em Kíev. Guderian, atacando ao sul, e Kleist, atacando ao norte, encontraram-se a leste de Kíev, num brilhante

movimento de torquês que cercou por volta de 600 000 russos, mas já era fim de setembro antes que o avanço se pusesse em marcha de novo. Outro cerco dos exércitos de Bock em torno de Viazma fez outros 600 000 prisioneiros, mas o tempo estava piorando e novas forças russas se reunindo diante de Moscou.

Os generais alemães pensaram que havia chegado o momento de parar, devido ao inverno, e consolidar sua posição — até Hitler perdera parte do seu otimismo —, mas Bock achava que deviam continuar, e no começo de dezembro tropas alemãs atingiram os subúrbios de Moscou, apenas para serem sumariamente expulsas pelos russos comandados por Jukov. Hitler ordenou a suas forças que não se retirassem, mas estabelecessem posições tão próximas de Moscou quanto possível, e aí ficassem por todo o apavorante inverno russo, mal vestidos e mal equipados para as condições.

Ao sul, os exércitos de Rundstedt haviam entrado na Criméia e na bacia do Donetz, mas não haviam conseguido tomar os campos de petróleo do Cáucaso, e na primeira semana de dezembro tiveram que bater em retirada. O fracasso de Hitler em tomar Moscou pode ser atribuído ao erro tático de desviar os exércitos dirigidos contra Moscou para ajudar Rundstedt em Kíev; ao fato de ter subestimado o tamanho dos exércitos russos que o enfrentaram, que pareciam ter sempre novas tropas para trazer para o *front* quando sofriam perdas; e ao fato de a lama ter retardado o avanço a partir de junho.

O ano seguinte deveria testemunhar o início da ruína da Alemanha nazista, decretada na Rússia, em Stalingrado.





◄
Hitler não permitiu uma retirada de Moscou no final de 1941, e suas tropas, mal equipadas para sobreviver às rudes condições do inverno russo, receberam ordens para permanecer lá. Os homens se enrolavam em qualquer coisa que pudessem encontrar.

▲
Prisioneiros alemães obrigados a desfilar em Moscou por seus captores russos.
O movimento diversivo para derrotar o exército de Budiênni em Kíev havia detido o avanço contra Moscou por tempo suficiente para que os russos reunissem um grande exército para proteger a cidade.

►
Tropas russas entrincheiradas em torno de Moscou, no inverno de 1941-42, à espreita de qualquer movimento no lado alemão.



A América antes de Pearl Harbor





◄◄
O Coronel Charles A. Lindbergh, que cruzou sozinho o Atlântico e se opunha à Lend-Lease Bill, *fazendo declarações diante da Comissão de Relações Exteriores do Senado. Ele desempenhou um papel proeminente na Primeira Comissão da América.*

Por toda a década de 30, a América manteve uma política de rígido isolamento, que incluía os acontecimentos na Europa. Quando Mussolini atacou a Etiópia, em 1935, o Congresso aprovou um ato impedindo o presidente, Roosevelt, na época, de intervir de qualquer dos lados. Igualmente, quando rompeu a Guerra Civil Espanhola, o Congresso insistiu em que a América adotasse uma posição neutra, proibindo remessas de armas para qualquer das partes. Atado por uma legislação dessa ordem, Roosevelt não podia fazer mais, à medida que a situação na Europa se tornava mais e mais ameaçadora, do que exortar os americanos a adotar uma atitude mais aberta em relação ao exterior, esperando que a opinião pública gradativamente se voltasse contra os regimes fascistas na Europa, que representavam uma ameaça, ainda que distante, para a paz mundial. Mas nem a ocupação da Tchecoslováquia, a invasão da Polônia ou a declaração de guerra da Grã-Bretanha e seus aliados europeus foram capazes de gerar um movimento unificado pró-abandono da neutralidade americana.

Quando a França caiu, porém, e a Grã-Bretanha permaneceu sozinha entre a agressão alemã e os Estados Unidos, o sentimento popular mudou da noite para o dia. Finalmente o Congresso autorizou um programa de mobilização e a adoção de medidas visando ao fornecimento de ajuda à Grã-Bretanha. Primeiro enviou-se um excedente de armamento; depois, concluiu-se um acordo de transferência de destróieres americanos da Primeira Guerra Mundial para bases navais britânicas; e por fim o Congresso aprovou a *Lend-Lease Bill*[1], estipulando o fornecimento de equipamento

[1] *Lei Empréstimo-Arrendamento. (N. do E.)*

►
Tropas japonesas marchando sobre uma cidade chinesa, no início da Guerra Sino-Japonesa.



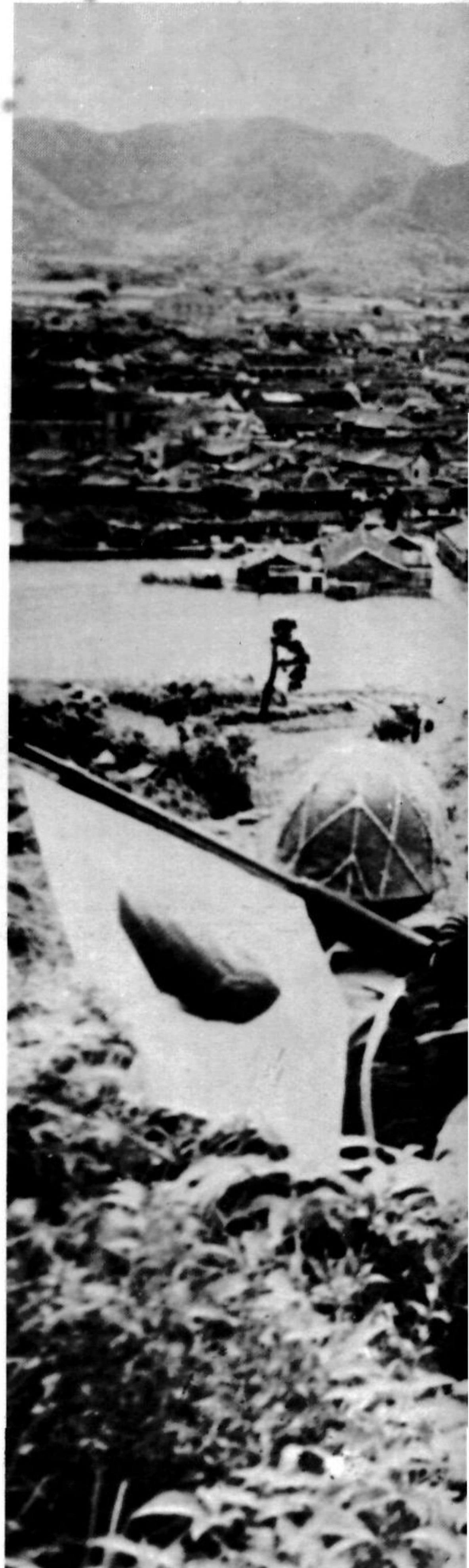


▲
Tropas japonesas com máscaras contra gás fazendo uma batida numa rua de Xangai em 1937.

de guerra para os adversários do fascismo em condições de pagamento fácil. No momento em que Roosevelt terminou suas conversações com Churchill a bordo do vaso de guerra *Prince of Wales,* ao largo da Terra Nova em agosto de 1941, era evidente que a neutralidade americana não era mais que formal, pois a nação se comprometera com o lado aliado.

Hitler não gostou nem um pouco disso. E se indispôs ainda mais com os Estados Unidos quando a América

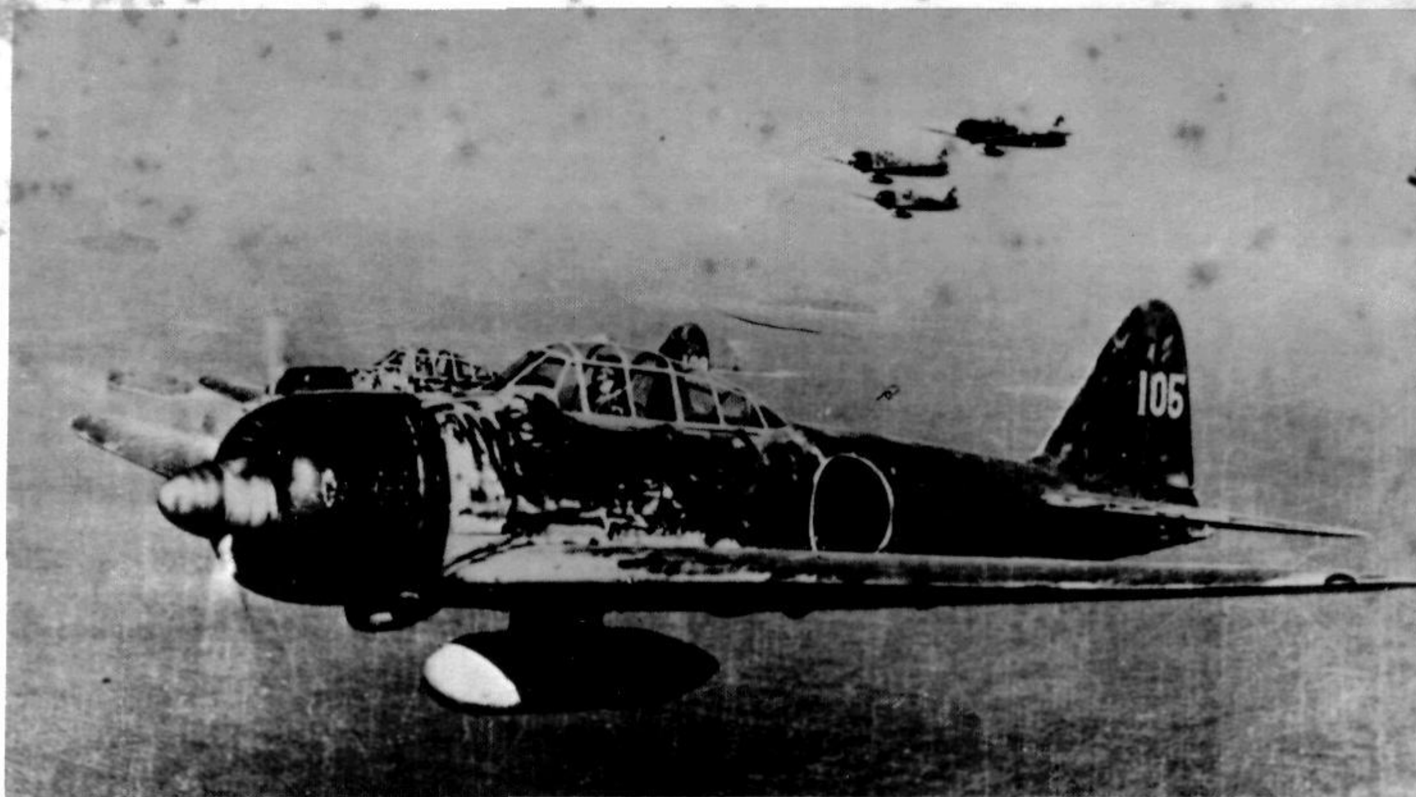




▲
Winston Churchill com o ministro britânico do Abastecimento, Lorde Beaverbrook, a bordo do Prince of Wales, *antes de seu encontro com Roosevelt ao largo da Terra Nova em 1941.*

►►
Posicionados no topo de uma colina, soldados japoneses observam a China.







◄▲
O destróier Shaw *foi atingido por três bombas, que fizeram explodir seu paiol de munição. Em primeiro plano, o casco danificado da embarcação, adernando.*

◄
Um pequeno bote resgata um marujo do vaso de guerra mutilado West Virginia. *Atrás dele, o* Tennessee.

▲▲
Aviões de combate japoneses Zero foram usados no ataque a Pearl Harbor. Tinham uma velocidade máxima de 530 quilômetros por hora, e eram leves e altamente manobráveis.

▲
O Presidente Franklin D. Roosevelt falando à nação pelo rádio.

tomou a iniciativa de proteger a chegada de fornecimentos transportados pelo Atlântico, oferecendo cobertura de escolta. Submarinos alemães atacaram pela primeira vez navios americanos em maio de 1941, e quando a navegação americana na zona de segurança ao largo da costa oriental se tornou um alvo para submarinos, pelo final do mesmo ano, os Estados Unidos fizeram seus preparativos finais para a ação, embora sem declarar guerra formalmente. Foi nesse período de inquietação que o Japão atacou Pearl Harbor.

As relações entre os Estados Unidos e o Japão andavam tensas há algum tempo, e o principal ponto de discórdia eram as tentativas japonesas de colocar a China sob controle do império do sol nascente, por meios bélicos. A Guerra Sino-Japonesa começara em 1937, provocando protestos norte-americanos, visto que os Estados Unidos tinham fortes interesses na China. A recusa do Japão em dar ouvidos a esses protestos moveu o governo americano a declarar um embargo na exportação de certos produtos para o Japão, inclusive petróleo, o que gradualmente reforçou a disputa. Privados de uma importante fonte de combustível, os japoneses tinham duas alternativas: aceitar um acordo humilhante com uma América pretendendo a inviolabilidade da China; ou procurar petróleo em outro lugar, se necessário pela força.

Não conseguindo firmar um acordo com o governo das Índias Orientais Holandesas para o fornecimento de petróleo, os japoneses decidiram negociar mais uma vez com os Estados Unidos, no verão de 1941, esperando que ainda houvesse uma *chance* de romper o embargo em termos aceitáveis. Se isso falhasse, teriam que recorrer à força nas Índias. Falhou, e houve um endurecimento de atitude de ambas as partes.

Pelo final de 1941 parecia que a guerra era inevitável, e os dois lados apressavam seus preparativos. Para ganhar tempo, um embaixador japonês foi enviado a Washington na metade de novembro, a fim de apresentar uma última oferta do Japão, cuja rejeição era uma conclusão previamente determinada, mas que deveria manter as discussões em andamento até que o Japão estivesse pronto para atacar. Os americanos também contemporizaram. Finalmente, quando Roosevelt foi informado das intenções do Japão de romper relações diplomáticas, aeronaves japonesas atacaram a base naval americana de Pearl Harbor, na ilha havaiana de Oahu.

Isso aconteceu às 8 horas da manhã de 7 de dezembro de 1941. A frota americana e os campos de pouso estavam desprevenidos, e o estrago foi feito em meia hora. Sete vasos de guerra foram destruídos ou seriamente danificados. Apenas os porta-aviões escaparam, porque não estavam no local no momento. Tendo desmembrado a frota americana, os japoneses podiam dar prosseguimento a seu programa de conquista no Pacífico.







Charles
Herridge

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

História fotográfica
do grande conflito